

UM SÓ ESPÍRITO

DOS ESCRITOS DO
BEATO LUIS BIRAGHI
FUNDADOR DAS MARCELINAS

3ª edição em Português



Instituto Internacional das
Irmãs de Santa Marcelina

2017

© Copyright Instituto das Irmãs de Santa Marcelina

Revisão: Ir. Diva Helena Pasqual

Digitação: Ir. Luiza Vanz

Revisão gráfica: Ir. Ivania Vassali

Impressão: Effetiva Soluções Gráficas

A CONGREGAÇÃO DAS MARCELINAS

- As origens
- Uma semente humilde
- A força de uma consagração

Irmãs caríssimas,

Aqui: as palavras sempre vivas de nosso Fundador e Pai

Foram recolhidas e coordenadas com amorosa atenção – de acordo com os valores estimulantes que exprimem – para servirem de “vademecum” animador de nosso cotidiano caminhar.

São Palavras sagradas para serem ouvidas e reouvidas, em escuta reverente, em profundo silêncio interior.

Ressoam elas em nosso íntimo como insistente apelo à autenticidade de nossa vida de consagradas Marcelinas. Estimulem-nos a verificar a solidez de nossa fidelidade ao espírito das origens.

Ajudem-nos, infundam-nos coragem, levem-nos a uma fé robusta e a esperanças construtivas.

“Então nosso coração sentir-se-á feliz, em paz e exalará alegria, doçura, o bom odor de Cristo. (Mons. Luis Biraghi C. 9/6/1847)

Seja realmente assim!

Com grande afeto

Vossa Madre Ir. Maria Elisa Zanchi

Festa do Sagrado Coração 1985

AS ORIGENS

Entre as várias santas Congregações e ordens religiosas, que enriquecem e glorificam a Santa Igreja católica, Deus dignou-se suscitar também a nossa, última e menor entre todas – ramo das Ursulinas, instituídas pelo glorioso São Carlos, Arcebispo de Milão. Sua origem deve-se à escassez de casas de educação semelhantes quando teve início a nossa e à dificuldade que a maioria dos pais sentia em colocar as próprias filhas para serem educadas em claustros fechados (r.p.17-18).

Experimentava eu grande pena de tão grave e universal erro de educação e, com o auxílio de Deus, planejei instituir um corpo religioso, unindo ao método e ciência requerido pelos tempos e pelas leis o espírito cristão e as práticas evangélicas (A l. 69).

As Irmãs Marcelinas surgiram na diocese de Milão quando ainda não existiam institutos religiosos para a educação da juventude... As Irmãs Marcelinas encarregaram-se de escolas, internatos, unindo o melhor dos métodos e da ciência moderna à cultura cristã segundo os princípios e as práticas católicas... Por isso a Congregação mantém internatos, escolas, catequese paroquial, oratórios festivos... Atende também enfermos e Hospitais (A l -70).

Abriu-se a primeira casa no campo, no distrito de Cernusco Asinario, a poucas milhas da cidade, e, logo após, uma segunda em Vimercate, outro distrito milanês. Logo as duas casas encheram-se de alunas e de Irmãs. Após quatorze anos de feliz experiência, S. Excia. o Arcebispo Romili, de santa memória, erigiu aquela Família em Instituto diocesano com o Título de Ursulas-Marcelinas. Ele mesmo deu o hábito às primeiras vinte e quatro virgens e lhes aprovou a Regra. Mais duas casas, em pouco tempo, são abertas na cidade, e o Instituto foi prosperando. Hoje (1864) conta com 120 Irmãs, 460

alunas internas, 20 surdas-mudas, 220 externas e várias escolas gratuitas de pobres e de professoras estagiárias. Em necessidades extraordinárias essas Irmãs prestam-se a dirigir Hospitais. Onde os párocos desejam, ensinam a doutrina cristã com algumas alunas adiantadas, cuidam de oratórios de meninas, preparam-nas para os santos Sacramentos, cuidam da roupa da Igreja (A 1 – 69).

A Congregação chamou-se de Santa Marcelina, (n. 330 + 17/07/400) irmã do glorioso Santo Ambrosio, bispo de Milão. Educou santamente seus dois irmãos menores, Ambrósio e Sático, iniciou um gênero de vida comum com as virgens Santa Cândida e Indícia. Morreu e foi sepultada em Milão. Além disso, como narram escritores fidedignos, fez o retiro no lugar Santo Ambrósio, nas vizinhanças de Cernusco. Por isso, foi escolhida como titular e padroeira desta Congregação (r. p. 18-19).

Esta Santa (Marcelina) alcançou-nos tantas graças especialmente a de erigir nossa Congregação de modo quase prodigioso. Por nós seja ela louvada e abençoada para sempre. Pudéssemos nós herdar seu espírito, suas virtudes, caríssimas irmãs! Isto é o principal! Viver humildes, desconfiados de nós mesmos. Apreciar a santa oração! Amar a cruz de Jesus Cristo. Viver para o paraíso. Marcelina só se ocupava de obras santas, amava acima de tudo Jesus Cristo, estava morta para este mundo. Ela nos obtenha que também nós nos tornemos santos (C. 20/07/1853).

Tendo sido esta Congregação aprovada pela Santa Igreja e chamada por Deus a fazer muito bem, considereí grande favor o fato de pertencer a este corpo (r. p. 99).

Oh! Quanto bem! Uma piedosa Sociedade de boas irmãs, unidas num só coração, num lindo lugar retirado. Atentas à santificação de muitas educandas que lhes serão confiadas é um grande tesouro. Vocês, pois, têm duplo merecimento: um, por ter abraçado a vida religiosa; o outro, por ser uma das primeiras que

ajudam a fundar esta casa religiosa. O Senhor as recompensará nesta vida e na outra (C. 14/1/1839).

(Em Cernusco) há aquela Virgem das Dores, diante da qual me foi infundida a vontade, a graça e a determinação de erigir nossa Congregação. Diante dela, o primeiro grupo de nossas Irmãs fez o primeiro encontro, recebendo aí o Corpo de Jesus Cristo (C. 10/8/1855).

Ontem celebrei a S. Missa neste Altar, diante da Veneranda imagem descoberta, e ofereci o Sacrifício pela nossa cara Congregação, por nossa Madre Superiora e por todas nossas Irmãs e Casas, especialmente pela nossa e por vocês. E ao fitar esta Imagem, esta poderosa Virgem das Dores, lembrei-me da Imagem de Nossa Senhora das Dores de Sta. Maria de Cernusco, lembrei-me daquele dia, daquela hora, em outubro de 1837, daquele fim de mês, quando, diante dela, rezei e fui movido a decidir a criação de nossa cara Congregação. Ajoelhado ao lado daquele Altar, na solidão, no silêncio, pensava eu na Congregação idealizada e, diante de mim, via dificuldades, despesas, tribulações, o vínculo perpétuo, a responsabilidade que assumia, os trabalhos a que teria que me sujeitar após uma vida muito tranquila. Sentia aversão e preguiça e mil incertezas. Pedi à Virgem que me iluminasse e me auxiliasse com seu conselho e vigor e orava..... E, eis em mim um coração novo, uma vontade de ferro, uma suave segurança de que a coisa agradava a Deus e havia de abençoá-la. E assim foi. Animado pela Virgem, pensei logo em comprar o fundo da Casa Greppi, em construir e estudar a instalação moral e civil. Oh! Como me sinto devedor à Virgem das Dores! Ontem, com uma missa votiva, agradei-lhe e ofereci-lhe nossa Congregação. Amém (C. 18/11/1875).

Coloquei de novo o Instituto nas mãos de nosso caro Senhor Jesus e de Maria, dulcíssima Mãe, e lhe supliquei, como eu costumava pedir desde o início: “Senhor, se for para a vossa glória,

abençoei-o, fazei-o prosperar, se não for para vossa glória, deixai-o cair. No coração sentia uma grande persuasão de que este Instituto era agradável ao Senhor e o faria prosperar. À voz interior une-se a voz externa de tantos sacerdotes bons que aqui estão e todos bendizem a piedosa Obra. Coragem, pois, e total confiança em Deus (C. 10/7/1840).

Quanto a mim asseguro-lhes que, ao fundar esta Casa e congregá-las, não tive outra intenção a não ser a de oferecer a todos o meio para se santificarem. Coragem, pois, e mãos à obra de todo o coração (C. 30/11/1841).

O que me importa é reunir filhas que possam tornar-se santas (C. 14/1/1838).

Agora que pusemos em ordem a parte material de nossas duas Casas, é justo que pensemos na perfeição moral, que é a finalidade de nossa Congregação. Sim, a perfeição. Não nos devemos contentar de ser bons; devemos aspirar a ser santos. Que adiantaria abandonar o mundo, se depois, preguiçosos e indolentes, parássemos no primeiro degrau e não nos esforçássemos para subir sempre mais na santa escada da perfeição? O lugar onde moram chama-se Retiro, Convento; vocês, o povo as chama Religiosas: o hábito preto que usam, sua resolução e profissão, tudo faz supor que devem ser santas (C. 4/12/1841).

Não desanimem, nem pelas inquietações passadas, nem pelas futuras. O Senhor as deixa para que vocês se conservem humildes e saibam compadecer-se da maldade dos outros e também das minhas. Estas, porém, em nada diminuem a alegria que eu experimento em sua conduta pelos tantos trabalhos e sacrifícios feitos por vocês para o bem desta Congregação e para me consolar. O Senhor lhes dê a recompensa, recompensa que eu não lhes posso dar. Ele as torne santas. Agora que tudo vai bem, até demais, devemos nos animar a seguir o Senhor e colocar todos nossos pensamentos no

paraíso. Meu coração, suspira pelas férias, mais para vocês do que para mim, para instruir-se, para animar-se, para exercitar-se todas na prática das virtudes religiosas. Oh! se esta casa se tornasse casa de Santas! Se florescesse em obediência, simplicidade, em oração, como aquela primeira de Annecy! Esperemos, confiemos (C. 3/7/1843)

Desejam notícias do nosso Instituto. Tudo vai de bem para melhor. Segunda feira comuniquei tudo a S. Excia. o Arcebispo. Agradou-lhe muito e mostrou-se disposto a dispensar-lhes todos os cuidados. Agora só espero o bom tempo para transportar 33 colunas de Milão para Cernusco e dar começo à construção. ... Enquanto isso, dediquem-se a purificar-se e a santificar-se. Nestes dias de pecado, chorem diante de Jesus Cristo e façam alguma reparação pelos pecados do mundo. Amemos Jesus Cristo, sim, amemos Jesus Cristo. Se não o amarmos nós, seus eleitos, quem o amará? Jesus e Maria as abençoem (C. 25/2/1838).

Eis que repousaram um bom mês, fizeram os santos exercícios com toda a abundância das práticas e de confessores escolhidos. Sadias e alegres comecem o ano letivo; vocês têm uma Igreja cômoda, o SSmo. Sacramento, Confissão e Comunhão frequentes, no retiro, na paz, na quietude, na santificação. O próprio inverno, que tudo acalma e tranquiliza e leva ao recolhimento nossos pensamentos, é também bela oportunidade para o estudo, a oração, a perfeita execução dos próprios deveres. A tudo isso acrescentem os muitos e singulares benefícios feitos pelo Senhor à nossa cara Congregação: o número de religiosas sempre crescente, crescente o número de educandas, a boa concórdia interior, a estima do público, a proteção dos superiores. Tudo as deve mover para tornar-se humildes, fervorosas e santas (C. 10/11/1843).

Nós quisemos um Instituto para a glória de Deus e para a salvação de tantas almas. É, pois, necessário concluir que Deus permitiu nossas tribulações porque nossa obra lhe agradou: a cruz é

sinal das obras de Deus. Recebamos tudo, portanto, com espírito de humildade, de paciência, de amor, reconhecendo que merecemos coisas piores, tendo sempre em nossa frente Jesus em agonia na cruz. Rezemos por todos e especialmente para quem nos aborrece (C. 6/3/1840).

Coragem, cara Marina: plantamos uma bela Congregação, uma Instituição para um grandíssimo bem; adiante com coragem. Tivemos tribulações como acontece a todos os fundadores de tais obras. Jesus e Maria estão conosco (C. sem data).

Agradeçamos ao Senhor pelos tantos benefícios feitos à nossa cara Congregação. Muitos mesmo e continua fazendo-os. As meninas que saíram ufanaram-se do colégio e será sempre assim no futuro. Tudo faz pensar que Deus ama estas nossas casas. E sempre as amará enquanto houver a obediência, a caridade, a concórdia, o amor à fadiga e uma humildade constante em todas vocês (C. 12/12/1842).

Tudo anda bem com honra e com suficiente interesse. Não tenho mais qualquer inquietação em parte alguma e cada dia bendigo o Senhor que me usou para implantar tão belas e caras instituições. Cada vez que visito as duas casas, saio delas com muita consolação. Enquanto eu viver, estas instituições serão sempre o meu coração, a pupila dos meus olhos (C.21/12/1842).

Cheguei em Milão; felizmente, encontrei tudo bem aqui e em ordem. Agradeço-lhes por estes três dias passados na alegria do Senhor com plena satisfação. Estou muito animado com nossa querida Congregação: agradeço a todas, caríssimas filhas, e recomendo-lhes que continuem assim (C.26/2/1846).

Estou contentíssimo pelo bom desenvolvimento de nossa Congregação. Estou disposto a fazer o que for necessário para conservá-la, dar-lhe segurança, dilatá-la. Estaremos sempre de acordo

e o que acharmos ser o melhor, fa-lo-emos com o auxílio de Deus (C. 6/5/1847).

Estou feliz e cheio de coragem mais do que nunca. Ontem, na volta de Cernusco, viajei com Dom Angelo Moltene, o qual, entusiasmado pela nossa Congregação, me dizia: “Era uma verdadeira necessidade esta Congregação para os tempos presentes: foi uma verdadeira presença de Deus o te-la suscitado”. E ficava admirado com os detalhes que eu lhe fornecia. Disse-me: “A nossa Brianza só fala do Colégio de Vimercate, satisfeitíssima com ele” (C. 22/2/1851).

Quantas bênçãos nos deu o Senhor em tão poucos anos. Que amplidão de Instituto, que número de Irmãs e alunas! Meios materiais e espirituais e tanta reverência e sossego que é de admirar como nenhum dos cem jornais, nem mesmo dos mais irreverentes, nos atacou em nada, não fez um sinal contra nós (C. 24/12/1852).

Estou realmente contente com nossa querida Congregação: agradeço a todas, caríssimas filhas, e recomendo-lhes que continuem assim (C. 26/02/1846).

O Senhor me dá a graça de estar cheio de coragem e de energia para ainda fazer bem ao Seminário e à nossa cara Congregação. Ah! caríssima Marina, nossa vida deve ser toda para Jesus Cristo. Não olhemos para os nossos defeitos, nem confiemos em nossas forças, mas, com todo afeto, lancemo-nos ao Coração de Jesus e, adiante com coragem (C. 2/8/1847).

Como deixar de consolar-nos vendo quanto bem o Senhor Deus vem fazendo às casas de nossa santa Congregação e especialmente a esta de São José? Não parece milagre que em um ano se tenha feito tanto e com tal consenso e aplausos dos bons? (C. 12/4/1869).

Esta é a casa de Deus, a porta do céu, o tabernáculo do Espírito Santo – Felizes de vocês, caras filhas, e felizes aqueles que as

conhecem de perto – O Senhor está com vocês e para sempre estará, e a nossa querida Mãe Maria as olha como caríssimas filhas (C. 10/11/1843).

Vamos, coragem caríssima, anime-se que ainda há um longo caminho. Bem vê que o Senhor não quer que repousemos sobre o que já fizemos, mas que nos atiremos mais para frente. Quando é Ele que quer, Ele que atrai, quem lhe resistirá? Ontem recebi carta de Gênova sobre o conhecido projeto; anunciam-me estar a caminho uma carta do Arcebispo Dom Charvaz, dirigida a mim. Entram noviças, uma professora da 3ª série, milanese; chegará depois de amanhã. Estejamos, pois, prontos para o trabalho, de coração generoso, confiante em Nosso Senhor Jesus Cristo (C. 24/12/1852).

Quanto devemos agradecer a Deus pelo bem que nos faz. Quanta paz em cada casa, bom espírito e boa vontade. Alunas e noviças não faltam. Coragem, pois, e gratidão ao Senhor e, depois, nos encontraremos todos no reino de Deus, Bem-aventurados para sempre (C.2/6/1875).

Devemos viver resignados e contentes e bendizer o Senhor em tudo. Já o disse a vocês mais vezes: se nosso Instituto for visitado pela Cruz, podemos confiar que é muito caro ao Senhor (C. 13/3/1842).

Coragem, caríssima filha: o futuro será abençoado pelo Senhor e o bem será muito. Ame muito a Jesus Cristo e faça tudo para sua glória (C.27/1/1843).

Resta-nos um grande caminho a percorrer: Santificar-nos e deixar uma impressão Santa à nossa querida Congregação para o futuro. Portanto, é preciso oração, humildade e viva luta contra nossos sentidos e viver todos para Jesus Cristo (C. 4/7/1842).

Sim, na verdade, temos todo motivo para agradecer ao Senhor, tão favorável à nossa Congregação. Na Lombardia, como na

Ligúria e na Savoia, Ele levou tudo a bom termo. Em cada casa tudo procede com bom espírito, com boas finanças, com boa saúde, com as melhores relações no plano eclesiástico e civil. Deus seja louvado (C. 23/12/1876).

Quanto a mim me encontrarão sempre igual, sempre interessado por vocês e pela nossa querida Congregação, sempre grato ao muito que fizeram para ela e para mim. E porque as amo realmente, procuro sempre fazer-lhes o bem, avisá-las, fazê-las conhecer os defeitos, recomendar-lhes a humildade, a oração, tudo o que é necessário a uma religiosa para conseguir a eterna salvação. Isto é que é ter coração. Este coração para vocês eu o tenho mesmo, e sempre farei de tudo para que se tornem santas, todas de Deus e se salvem. Com vocês, salvem suas caras Irmãs. O Senhor Jesus nos fez tantos e tantos favores, e nós, servos de Jesus, devemos viver e morrer por Jesus; animar-nos e corrigir-nos, avisar-nos e cumprir os deveres que temos para com Ele. Um dia compreenderão todo bem que eu lhes quis e que ainda lhes quero (C. 7/1/1849).

Agora, terminadas as seis casas, devemos nos recolher um pouco e pensar na vida interior nossa e na das Irmãs, para assegurar melhor nossa salvação eterna, fim principal do Instituto. Aqui há vários párocos que mostram satisfação com o êxito de nossas alunas. Isso seja conforto e estímulo para bem continuarmos em sua santa obra. Oração, humildade, desconfiança de nós, vigilância com as alunas, com os livros, com as ideias. Santo Ambrósio, Santa Marcelina e São Carlos nos ajudarão a formar boas jovens cristãs (C. 14/11/1878).

O Senhor que se dignou formar uma só família com os tão caros vínculos da religião e da caridade, nos abençoe a todos (C. 24/12/1860).

UMA SEMENTE HUMILDE

Eu, com o auxilio de Deus, fundei esta nossa humilde casa e esta nossa pobre Congregação: estando ela escondida num canto e formada de poucas pessoas, sem apoio humano, pensei que ficaria desconhecida do mundo e desprezada como a discípula Madalena sob a cruz de Jesus Cristo e depois no próprio sepulcro de Jesus. Porém, acontece tudo o contrário. A fama desta casa já se espalhou nos arredores, pessoas de bem interessam-se por nós, e muitas jovens pedem-me que as receba; numa palavra, estima-se esta casa mais do que merece. Agradecemos ao Senhor que quer ver honrada esta Congregação nascente e auxilia seus frágeis primórdios com este favor externo. Nós, contudo, humilhemo-nos mais, empenhemo-nos mais para corresponder com uma vida santa (C. 14/11/1838).

Alargue o coração, filha abençoada, e cresça cada dia no amor e no temor. Deve ser uma das primeiras pedras deste santo edifício: mas as primeiras pedras colocam-se em baixo, no fundo, humilhe-se bastante e não acabe nunca de se abaixar; as primeiras pedras são as mais sólidas e as mais firmes; procure consolidar-se bem na ciência de Jesus Cristo, nas máximas evangélicas, na oração, na inocência da vida. Assim o edifício espiritual será bem melhor do que o material. Rezemos, rezemos! (C. 29/3/1838).

Cara filha, quanto bem poderá fazer! Um lugar retirado, quatro boas companheiras, uma Regra santa, um trabalho todo santo. Terá a consolação de estar entre as primeiras a fundar esta casa e a promover uma obra tão boa. Na hora da morte, quanta alegria por ter abandonado o mundo, conservado a virgindade, amado Jesus Cristo, educado boas meninas! Que lindos dias tranquilos agora! Que santas comunhões! Quanto progresso na virtude! Afinal de contas, é uma graça do Senhor: já que o Senhor a chama, siga sua voz e ficará feliz (C. 11/9/1838).

Deus escolhe os meios mais fracos para operar as maravilhas de sua graça para que a glória não seja nossa, mas toda dele. Você é exatamente um destes meios fracos, enfermos, e eu também, um frágil caniço que não presta para nada. Assim mesmo o Senhor, por sua misericórdia gratuita, sem merecimento algum de nossa parte, dignou-se usar-nos para este santo Instituto. Vocês, pois, todas as cinco, sejam como cinco passarinhos implumes no ninho do Senhor, que é a pia casa, simples, inocentes, desconfiando de vocês confiando somente no Senhor (C. 1/12/1838).

As grandes obras dos Santos começaram com a pobreza (C. 3/5/1838).

Confesso-lhes que quanto mais penso no crescimento desta nossa casa, provo grandíssima consolação e admiro-me como Deus tenha usado de tão ineficiente servo para erigir tão bela obra. Realmente é linda: todos os bons estão muito felizes com ela. Ontem, para mim, foi um dia de particular consolação. Pareceu-me sentir que o Senhor está conosco, na nossa pobre casa. Aquele oratório discretamente em ordem, aquela música sacra, aqueles cânticos divinos, mas, acima de tudo, aquela Hóstia Sacrossanta, Carne de Jesus, recebida por todos nós, unidos em um só espírito, um só coração. Tudo isto me causou as mais ternas impressões e me recompensou por aqueles poucos trabalhos que eu tive na implantação desta casa (C. 22/5/1840).

O Senhor nos tornará dignos de seus misericordiosos desígnios sobre nossa Congregação. É de pouca monta, mas, assim mesmo, o Senhor a suscitou com tal caráter e tal espírito que parece destinada a passar ileso entre as tempestades surgidas contra as obras antigas. Coração dilatado, pois, generosidade nos sacrifícios, pureza de intenção, estudo contínuo da vida de Jesus pobre, humilde, sofredor, toda caridade: eis nossas obrigações, nossos amores (C. 24/12/1860).

Que o Senhor nos torne sempre mais dignos de servi-lo e amá-lo e nos conduza, finalmente, todos juntos, ao lindo paraíso que vocês me lembraram com tanta consolação da minha parte. Temos em frente a estrada reta, segura, a estrada da profissão Religiosa, da Santa Regra, que é o compêndio do Evangelho. Lindo penhor do paraíso, nossa vocação e tantos singularíssimos favores que nos foram concedidos pessoalmente e à nossa Congregação. Apesar de eu não ser profeta, tenho tais indícios e pressentimentos de que nossa Congregação foi suscitada por Deus de tal forma que dure em meio ao desmoronamento das mais antigas. Maior, pois, é nosso dever de corresponder a tantos favores de Jesus, de viver na santidade, de meditar na vida de Jesus e imitá-la. Jesus coloca-se à nossa frente, feito homem, feito criança, para animar-nos. Unamo-nos a Ele nas humilhações e com Ele nos encontraremos na glória (C. 24/12/1860).

Rezei por vocês, por todas vocês e apliquei a Missa pela nossa querida e escondida Congregação; é em tais ocasiões que o Senhor me faz sentir vivamente que a nossa Congregação lhe agrada e Ele a fará prosperar como obra Sua. Sim, caríssimas filhas, foi realmente o Senhor que começou esta obra e que em tão breve tempo a conduziu a termo tão feliz. Resta-nos caminhar para frente fieis a Ele e a Ele inteiramente consagrados para sua glória (C. 18/9/1840).

Para frente, sigamos com coragem, e o Senhor estará sempre conosco. Tivemos algumas dificuldades, mas o que são as nossas em comparação com as dos santos, em comparação com os imensos sofrimentos que Jesus teve que suportar para fundar a sua Igreja? Era obra do Senhor, contudo, devia ser experimentada pelo fogo, como o ouro; mas as próprias provações são um argumento de que era obra de Deus. Agora não há lugar para dúvidas e, quanto a nós, só nos resta conservar-nos gratos ao Senhor pelo imenso benefício recebido e por conservar-nos fieis à vocação com que nos honrou. Foi Ele, o Senhor, que nos escolheu para sua Obra, escolheu a nós, gente inapta, má, ignorante, desnecessária, para que se visse que

tudo é obra sua e não nossa. Caríssima Filha! Que sou eu? Que são vocês? Que são suas companheiras? Todos somos pó e cinza, pecado e miséria. Amemos, pois, o Senhor, que nos tratou com tanta misericórdia e digamos muitas vezes com Nossa Senhora: “Fecit mihi magna qui potens est. Et misericórdia eius super timentibus eum.” Nós já estamos todos consagrados ao Senhor que tomou posse desta casa; portanto, nossos corpos e nossas almas devem ser totalmente dele (C. 22/5/1840).

Nestes dias em que ficarei em casa, dir-lhes-ei algumas coisas que as consolarão muito. Conhecerão sempre mais como Deus vai abençoando a nossa pobre e humilde Congregação (C. 28/3/1839).

Agradeçamos ao Senhor se as coisas vão bem e tratemos de progredir sempre. Coragem, oração e humildade (C. 8/5/1839).

Viva sossegada... O Senhor não precisa de ninguém; Ele saberá bem fundar o Instituto... em maior pobreza, maior exercício de confiança em Deus. São Francisco de Sales fundou o seu numa pobre casa sem subsídios humanos. No primeiro dia, aquelas santas monjas não tinham dinheiro algum; uma delas foi à horta, colheu algumas ervas, cozinhou-as com um pouco de leite e almoçaram mais felizes do que rainhas (C. 14/1/1838).

Vivam tranquilas e observem a regra que lhes dei. Deixemos agir o Senhor. Ele chamará suas eleitas esposas (C.22/5/1838).

Fizemos assim até agora e assim continuaremos. Nós olhamos para as qualidades requeridas por nosso pequeno e humilde Instituto e, acima de tudo, para o chamado divino (C. 10/7/1840).

Estas são minhas mais caras consolações: poder dar glória ao Senhor, atrair todos para honrar e amar nosso caro Jesus. Realmente parece-me que esta casa seja um jardim de lírios perfumados e o convívio das virgens prudentes. Queira o Senhor que

assim seja pelos anos e pelos séculos. Agora, podemos repousar tranquilos no coração de nosso caro Jesus, que nos abençoou com toda bênção celestial além de nossos desejos e pensamentos. Sim, vivamos tranquilos, dedicados à oração, ao exercício das santas virtudes religiosas para conquistarmos o paraíso (C. 8/6/1844).

Nós também devemos ser-lhe gratos por tantos favores contínuos para com a nossa Santa Congregação, certos de que os continuará (C. 18/3/1879).

Meu coração não se esquece de vocês; eu me lembrava de vocês com muito agrado. Tenho sempre em mente seu bom comportamento, sua obediência, sua harmonia, sua paciência e caridade; e de vocês consolo-me com o Senhor e congratulo-me com quem fala de vocês. O que mais me consola é o futuro feliz, esperando de vocês todo bem. Não somente eu, mas todos os bons esperam de vocês exemplos de santidade sempre crescente e educação de jovens capazes de reformar as famílias e fundar outras casas. Coragem, minhas filhas, e a coragem esteja toda em Deus (C. 23/12/1840).

Filhas, tenham grande zelo pelo bem da Congregação. Nunca se deixem conduzir pelo respeito humano que favorece os abusos e o relaxamento da boa disciplina (r. p. 82).

Louvor, honra, bênção ao Deus das graças porque usou com vocês de grande misericórdia. Louvado e exaltado seja pelos séculos. Bom é o Senhor e infinita a sua misericórdia. Digam todos aqueles que o conhecem: que Ele é bom, e eterna é a sua misericórdia. Assim me sugere hoje o coração; penso que também vocês devem repeti-lo (A 1. 16).

A FORÇA DE UMA CONSAGRAÇÃO

Sacrifica muito quem deixa tudo. Veja os Apóstolos. Mateus deixou muitas riquezas e seguiu Jesus Cristo. Pedro e André deixaram uma pobre barca e seguiram Jesus. O sacrifício deles agradou igualmente a Jesus. O Senhor olha o coração. E você sacrificou todo o seu coração a Jesus? Está pronta a viver pobre, humilde, casta, obediente? Bem: você fez um grande sacrifício, caríssimo ao Senhor. Mas não é muito ter começado; o mais difícil é perseverar até o fim (C. 21/11/1838).

A vocação é um lindo dom de Deus, mas a perseverança é ainda maior (C. 5/2/1841).

Os sentimentos que me expressou agradaram-me e espero que também tenham agradado a Nosso Senhor Jesus Cristo. Maria, que escolhera a melhor parte, foi elogiada pelo Divino Mestre, e a parte melhor é esta: dedicar-se ao serviço do Senhor na profissão religiosa (C. 27/6/1847).

Eis-nos reunidos na casa religiosa, com todos os subsídios espirituais; podemos servir o Senhor com grande facilidade, com perfeição (C.24/5/1844).

Vida santa, toda dedicada a Jesus Cristo, Senhor, Esposo, Pai, vindo como servo para nossa salvação (C. 23/12/1876).

Vejam como o Senhor se lembra de vocês e as ama e as inflama. Corram, pois, atrás da voz do Senhor, corram atrás dos perfumes de sua graça que Ele lhes faz sentir em toda parte. E nós, que faremos, então, por tantos favores? Humilhemo-nos diante d'Ele, vigiemos muito sobre nós para sempre mais conhecermos nossos defeitos e emendá-los. Assim fizeram os santos (C. 22/6//1839).

Pensemos na perfeição espiritual, que é a finalidade de nossa cara Congregação. Sim, a perfeição, pois que nós não nos devemos contentar em ser bons, mas devemos aspirar a tornar-nos santos (C. 30/11/1841).

Animemo-nos a servir o Senhor sempre melhor como boas religiosas, com humildade, em espírito de adoração e de perfeição, fazendo o máximo para dar-Lhe glória (C. 7/6/1875).

Estudem muito a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, aquele espírito, aquelas tendências sobrenaturais que é preciso ter sempre diante dos olhos e do coração sem o que não se pode ser verdadeira religiosa (C. 27/6/1877).

Viver santamente, meditar a vida de Jesus e imitá-la (C. 24/12/1860).

Recomendo-lhes somente o contínuo estudo de Jesus Cristo. Considerem-no muitas vezes... Meditar, pois, Jesus Cristo, rezar e fazer obras santas, eis a sua vida, a vida de uma religiosa. E também às companheiras falem muitas vezes de Jesus Cristo, da vida interior, das virtudes fundamentais, da crucifixão do amor próprio. Assim se tornarão todas santas (C. 20/5/1843).

Ah! Sim, lancemo-nos com todo o coração nos braços do Senhor e façamos de tudo para agradar-Lhe. Sua vida e sua morte estejam sempre diante de nossos olhos. Jesus conosco. Jesus à nossa frente, Jesus fim de toda nossa ação (C. 8/1/1840).

Rezemos e adiantemo-nos no caminho do Senhor. O caminho no-lo ensina Jesus, já Mestre do Evangelho desde o presépio: este caminho é o único que nos conduz à salvação (C. 24/12/1852).

Os votos são o esplendor, o decore da Igreja: neles ela concentra, por assim dizer, toda a força de sua atividade ao cumprir todas as obras de sua caridade; ela confia, a quem faz profissão destes

votos, tudo aquilo que requer maior sacrifício e abnegação (A2,p91-92).

Recordar os votos feitos, as obrigações assumidas, a severa prestação de contas, suspirar todos os dias pelo paraíso, com perfeito desapego de todas as coisas, com um amor sincero ao trabalho, aos sacrifícios, às cruzes, às humilhações, à obediência, à abnegação de nós mesmos, com generoso amor a Jesus Cristo (C. 10/8/1855).

Que é a vida religiosa? É o cumprimento dos Conselhos Evangélicos, é uma contínua tendência à perfeição, é uma especial negação e mortificação de nossa natureza decaída, para que se forme em nós o homem novo em Jesus Cristo. Portanto, é dever de uma Religiosa exercitar-se continuamente nas virtudes mais perfeitas. A primeira delas é a obediência. Não são mais suas, são de Deus, são dos Superiores, são da Congregação; sua vida, sua vontade, sua capacidade não são mais suas, mas dos Superiores, em virtude da obediência (r.p. 35).

Com o voto de obediência, sacrificamos a Deus a parte mais nobre e delicada de nós mesmos, a inteligência e a vontade. Essa é a parte mais difícil, mais rebelde para domar. Sacrificando-a a Deus, gozaremos de uma paz, de uma doçura incomparável (A2 p. 99).

O que custa muito são os primeiros passos, os primeiros sacrifícios. Por exemplo: gostar-se-ia de fazer algo de acordo com a própria vontade, mas a obediência não o permite; é preciso sacrificar aquela vontade uma, duas, três vezes, custa muito, dói. Armemo-nos de coragem, sacrifiquemo-nos e logo se nos tornará facilimo. Se vocês procuram a glória de Deus, devem entender bem que a primeira coisa é a obediência aos superiores. Ainda que fizessem milagres, que santificassem toda a Diocese, mas com isso estivessem fazendo a sua vontade, tudo isto não valeria nada, nada mesmo. Devem fazer o voto de obediência? Façam-no de boa vontade, vão de coração aberto, dispostas a por-se sob os pés da obediência, a fazer tudo aquilo que

lhes pedirem, a renunciar às suas ideias, também àquela que lhes parecesse ser um maior bem, para conformar-se em tudo com a obediência. Somente a obediência seja o seu guia, abandonem-se a ela sem reservas e Deus as abençoará, as cumulará de suas luzes e de suas graças. Deus abençoará seus esforços; salvarão muitas almas, mas deem a Deus toda glória. Coragem, pois, generosidade, grande confiança em Deus (A2 p. 90).

A obediência é sua segurança e o contínuo sacrifício que devem oferecer ao Senhor (C. 14/11/1838).

Veja Jesus que nós lhe retribuímos amor por amor e copiamos seus exemplos de paciência e obediência (C. 21/12/1857).

Sua pronta obediência me consola e lhes alcançará muitas graças do Senhor. Agradam mais a Deus, talvez, os sacrifícios, os jejuns do que a obediência e a docilidade? “Vocês jejuam” diz o Senhor, “mas nos seus jejuns fazem sua vontade”. São Palavras da Sagrada Escritura (C. 2/4/1840).

Vejam o exemplo de Jesus Cristo. Ele, o Filho de Deus, o Altíssimo, a própria sabedoria do Pai, o Criador e Senhor de todas as coisas, sujeita-se a obedecer à sua Mãe, a São José, às autoridades constituídas, à lei de Moisés... Que exemplo! Sujeitem-se, vocês também, de coração, à Regra, à Superiora; coloquem-se como crianças nas mãos da obediência (A2 p. 99).

Ao ler o Evangelho da Missa, lembrava-me de vocês. “No meio dos cristãos, há um tesouro escondido sob a terra. Alguém descobre o tesouro, vai, vende tudo o que tem, depois compra o terreno, onde está escondido o tesouro e o possui. Um negociante vai em busca de pérolas preciosas e, tendo encontrado uma de grande valor, cheio de alegria vai, vende tudo e compra aquela pérola.” Assim fez você, cara filha, abandonou tudo para comprar a virgindade, o estado religioso, verdadeiro tesouro, a pérola verdadeira. Renda graças

ao Senhor, guarde a vocação; invoque Maria e reze também por mim (C. 01/05/1839).

Filhas caríssimas, regozijem-se, encham-se de coragem e de generosidade, para cumprir com fervor sua profissão e perseverar nela, se Deus quiser até a sua morte. Para poder compenetrar-se da grande ação que estão por fazer e de sua grande importância, considerem em primeiro lugar a santidade e a excelência do estado a que são chamadas. O próprio Jesus Cristo no Santo Evangelho nos dá uma imagem a respeito dele. Havia, diz Ele, um grande rei, que queria celebrar as núpcias de seu filho e eram dez as virgens que deviam seguir o esposo. O grande rei que quer celebrar o casamento de seu filho é Deus, que quer unir-nos a Jesus Cristo, o verdadeiro esposo de nossas almas. A grande sala do banquete nupcial, nesse mundo, é a Igreja, mas, de modo particular, é o santo estado de vida ao qual somos chamados por vocação divina. Esta graça Deus a cedeu a vocês. Animem-se, pois, com grande gratidão por tal favor. Este estado é o maior, o mais sublime na Igreja, após o Sacerdócio, e as virgens consagradas a Deus são a glória da Igreja (A2 p; 87-88).

Ouçamos como fala a Sagrada Escritura: Apóstolo São Paulo na 1ª Epístola aos Coríntios 7,26 e seguintes: “Entendo que isto (a virgindade) é bom. A mulher virgem cuida das coisas que são do Senhor para ser santa no corpo e no espírito. Julgo que também eu tenho o Espírito de Deus”. Assim fala o grande apóstolo cheio do Espírito de Jesus Cristo e assim falaram todos os santos. Fiquemos com eles e não nos enganaremos (C. 14/11/1838).

Considerem, ó virgens de Jesus Cristo, sua dignidade; coloquem toda sua atenção e toda sua glória em pertencer totalmente a Jesus Cristo. O demônio não deixará de inquietá-las, de apresentá-lhes más fantasias, de provocar-lhes vãos temores, mas vocês, com firmeza, desprezem suas tramas e digam sempre: “Sou consagrada ao Senhor, Ele me defenderá de tudo.” Sua modéstia resplandeça diante

dos homens: que todos compreendam, pelo seu modo de se portar e de operar, a pureza de sua alma (A2 p.94).

Virgens do Senhor! Considerem que os olhos do Senhor estão voltados para vocês e de vocês se compraz como de filhas prediletas. Seus corpos são templos e tabernáculos nos quais habita o Espírito Santo (C. 12/12/1842).

Rezar e fazer tudo para a glória do Senhor, conservar-nos puros, imaculados, separados deste mundo (C. 15/05/1844).

Vejam quantas bênçãos as esperam. Considerem muitas vezes que a virgindade é a glória mais bela da Igreja Católica, é dom singular de Deus, é privilégio dos Anjos (r.p. 42).

O voto de castidade as torna esposas de Jesus Cristo e as quer santas de espírito e de corpo: é necessário usar a mais delicada vigilância de seus sentidos e de seu coração (r.p. 108).

Somos todos consagrados ao Senhor e, por isso, nossos corpos e nossas almas lhe pertencem. Nosso coração seja d'Ele; portanto, deixe todo afeto de parentes, de amigos, de si mesmo e só se apegue ao Senhor. N'Ele se fixem nossos olhos e somente a Ele achem lindo; nossa língua seja do Senhor e só n'Ele se delicie, só d'Ele fale, atraia todos a, Ele por Ele acostume-se ao silêncio; do Senhor seja a nossa mente e o contemple continuamente e viva recolhida n'Ele. Vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim, dizia São Paulo (C. 22/5/1840).

De quem é nossa saúde, de quem é nosso corpo? De quem a nossa vida? Toda de Nosso Senhor Jesus Cristo. E para quem devem viver e trabalhar? Para Jesus Cristo seu Esposo, seu Amigo e Senhor. De Jesus é seu coração, os olhos, a língua, as mãos, o corpo, tudo. Não esqueçam: falem-lhe muitas vezes e muitas vezes falem dele com todas as companheiras e alunas (C. 15/12/1844).

Tenho esta noite uma hora de liberdade no silêncio da minha cela e eu consagro a vocês, à sua instrução. Vocês todas são minha consolação, o que eu tenho de mais caro no mundo, são dom precioso dado a mim por meu Senhor Jesus Cristo. Eu procuro e devo ter todos os cuidados para com vocês, formando Virgens castas e sábias, para apresentar ao próprio Jesus, no grande dia das núpcias eternas. Que lindo dia há de ser aquele! Jesus virá ao seu encontro acompanhado pelos anjos e lhes dirá como está na Sagrada Escritura: “Quem é esta que vem do deserto, linda como a lua, resplendente como o sol e exalando suavíssimo odor? Quem é esta que vem como estrela da manhã? É minha Esposa. Ó cara Esposa, vem do Líbano, vem e eu a coroarei; entre na alegria do meu reino, assente-se sobre o meu trono.” Assim falará o Senhor às Virgens, suas Esposas, no dia da Nupcias Eternas; e as fará participar de todas suas delícias e vocês se sentirão em um mar de contentamento e pela glória brilharão como o sol (C. 26/3/1839).

Ó caríssimas, somos todos de Jesus Cristo, alma e corpo: deixemo-nos, pois, guiar por Ele, amorosamente, e em tudo O bendigamos (C. 18/6/1842). Sejam anjos de pureza e de amor divino (C.1/12/1838) .

Jesus Cristo escolheu por mãe uma virgem. Ela é seu modelo; a Igreja a chama: a Virgem das virgens; imitem-na e peçam-lhe sempre que guarde sua pureza (A2 p. 90).

Grande exemplo de amor à Virgindade, o de Maria. E com quanta cautela a conservava. Retirada, solitária, atenta à oração, modesta nos olhos, simples na roupa, evitava tudo o que alicia e acende as paixões. Sua vida era laboriosa e dura. Trabalhava com suas mãos, dedicava-se a todos os afazeres da casa, costurava, varria, fazia-se a serva de todos. Mas o que mais se admirava era sua grande humildade de coração. Ela que era a maior mulher do mundo, julgava-se a última e vivia simples como uma menina. Enquanto os outros a

louvavam. Ela não encontrava em si merecimento algum, nenhum bem. Achava que tudo era dom de Deus (C. 24/3/1841).

A bela virtude das religiosas, o ornamento, o distintivo especialíssimo é a santa modéstia, a angélica pureza. É por ela que as casas religiosas exalam tal perfume de santidade, refletem tal luz de paraíso, que até os leigos são tocados por ela e ficam edificadas. ”Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”; bem-aventuradas as que guardam a virgindade, porque serão santas de espírito e de corpo. Bem-aventuradas as Virgens, porque, no paraíso, seguirão o Cordeiro e cantarão um cântico que ninguém mais poderá cantar. Vejam quantas bênçãos as esperam (r.p. 41).

Pois que Jesus Cristo, sendo rico de tudo, tornou-se pobre por nós e recomendou abraçar a santa pobreza por seu amor. A boa religiosa deve amar muito a pobreza (r.p. 43).

Fixem bem na mente que professaram a santa pobreza e que são realmente pobres: contentem-se, pois, com a roupa, a comida, os móveis que o convento, com o auxílio de Deus, lhes oferece, conforme a necessidade. Juntas velem para que coisa alguma venha a ser gasta inutilmente ou venha a perder-se. Portanto, justa economia de lenha, de carvão, de luz, de tudo (r.p. 100).

Como pobres, contentem-se com o que o Convento dá, segundo o conselho de S. Paulo: tendo as roupas e os alimentos necessários, contentem-se. Digam muitas vezes: sou uma pobrezinha. Uma pobrezinha da rua ficaria satisfeita com a minha porção? Sim, certamente. Eu também, por amor de Jesus (r.p. 43-44). Digam nosso a tudo aquilo que é da Comunidade e também tudo o que é de seu uso. O que é da Comunidade devem usar com economia e cautela como de coisa santa; poupem tanto quanto podem e levem em conta todas as coisas (r.p. 43).

Tudo inspire humildade, pobreza, amor de Deus. Aprendam sempre mais a amar a pobreza, a humildade, o abandono em Deus (C. 14/1/1838).

Gostaria que vocês se acostumassem à vida pobre e dura (C. 14/3/1838).

Todas devem viver como verdadeiras pobres, desapegadas de tudo, como verdadeiros anjos revestidos de carne (r.p. 110).

O alimento, as roupas, as camas, os livros, os móveis, tudo em comum; aqui deve haver a perfeita comunidade evangélica. Vocês, portanto, como pobrezinhas de Jesus Cristo, recebam em espírito de humildade a esmola e a caridade que a Congregação, sua piedosa mãe, lhes dá (r.p. 43).

Quando, tirado o necessário, sobrar para a Congregação dinheiro ou bens, lembrem-se do aviso de Jesus Cristo: “O que lhes sobra deem-no aos pobres”, quod superest date pauperibus: com isto evitarão o perigo de entregar-se a uma vida cômoda demais e preguiçosa, ao luxo e à moleza, e de lançar, assim, a Congregação para a ruína (r.p. 44).

Não todos os que dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus; nem todos os filhos de Abraão estarão entre os eleitos: terem o templo do Senhor e a arca do testamento entre vocês e serem contadas entre os filhos da bênção, não basta para alcançar a vida eterna: é preciso cumprir a vontade do Pai que está nos céus, observar os mandamentos do Senhor e honrar a Deus que vê os corações em espírito de perfeição e santidade. Assim nos ensina o Espírito Santo nas Sagradas Escrituras. Portanto, compreendam bem, ó filhas, quanto pouco valeria estar inscritas no número escolhido das Virgens Religiosas, e seguir os exercícios prescritos desta Congregação, se não estivessem animadas pelo verdadeiro espírito religioso (r.p. 27).

Não se pode ser verdadeira religiosa sem fazer sacrifícios, sem lembrar muitas vezes Jesus Cristo, sua vida, suas palavras... Oh! Salvador Jesus; nós nos dedicamos ao vosso serviço de alma e de corpo; assim seja; a alma e o corpo sejam inteiramente vossos. Nada gozar deste mundo, mas ter a glória e a felicidade do paraíso (C. 11/6/1845).

Meditem, ó caríssimas, no grande benefício que Deus lhes fez, trazendo-as a este lugar santo. Nosso maior bem é a salvação de nossa alma: dela vocês têm um penhor, uma antecipação segura no chamado do Senhor. Observando a Regra estão salvas. Aqui têm orações, meditações, sacramentos, boas obras e o grande merecimento de educar bem a juventude. Fora do mundo, longe dos perigos, entre boas companhias, sempre em santas ocasiões, sempre com Deus. Assim se leva uma vida de bem, alegre e cheia de méritos; tem-se uma morte santa e se conquista a coroa do céu (C. 14/11/1838).

Coragem, caríssimas, começamos uma carreira santa: progridamos com paciência, com perseverança, com fervor. O caminho é penoso; após alguns dias chega-se ao paraíso, à delícia sem fim. Para pôr em prática tudo isto, eis o que devem fazer: exata observância de nossa humilde regra como meio seguro de mortificação, de obediência à vontade de Deus, de santificação. De manhã, levantar-se corajosamente e cumprir prontamente, com exatidão e com amor, os próprios deveres, amar o silêncio e o recolhimento, poupar o tempo que é tão precioso. Quanto à comida, quanto à roupa, contentem-se com o que o convento fornece, sem murmuração, sem inquietude (C. 12/12/1842).

Quem são as que mantêm em pé a Congregação? São minhas boas filhas, verdadeiras Religiosas, que, unindo à vida espiritual segundo a Regra a atividade em seu ofício, ganharam crédito e confiança para a Congregação. São as boas Superiores que sabem deixar Deus por Deus e os gozos espirituais pela caridade do

próximo. São as mestras eficazes que fazem dois trabalhos ao mesmo tempo: aprender para si e ensinar as educandas; são as boas cozinheiras, que sabem economizar, ativas, atenciosas; são todas as outras Irmãs, fiéis a seus deveres, no cumprimento dos quais, há o mérito da obediência e não a satisfação do amor próprio, faz-se a vontade de Deus e não a nossa (C. 9/11/1843).

Vejam como é bom o Senhor e cheio de ternura para conosco. Ele guarda quem o serve e o ama. E, se tanto nos amou quando nós o ofendíamos, quanto mais nos amará agora, que o servimos. Quanta misericórdia Deus nos dispensa ao chamar-nos a seu serviço e ao garantir-nos um Reino no Céu! Ah! Minha filha, mesmo que o serviço do Senhor custasse lágrimas, chagas e aflições mortais, sirvamo-lo do mesmo modo, que Ele o merece (C. 14/3/1839).

Agradeçam à Madre Superiora que se dispõe a agregá-las; acima de tudo, agradeçam a Deus do qual se origina todo o bem, especialmente o enorme bem da vocação religiosa (C. 27/6/1877).

Aqui, grandes flocos de neve estão caindo. Imagino seu prazer em contemplá-los olhando fora do refeitório e vendo a neve cair bela, tranqüila, silenciosa, símbolo das almas calmas, recolhidas, humildes. Como é favorável este tempo para estudar, rezar, viver a vida interior da alma! Felizes de nós que, dedicados ao serviço do Senhor, reconhecemos em tudo sua sabedoria, providência, bondade e beleza. Nosso coração deve estar atento para de tudo tirar ocasião de adorar o Senhor. Deve ser como um vaso de precioso licor que exala sempre o suave odor de afetos, de jaculatórias, de bênçãos ao Senhor: “Ecce nunc benedicite Dominum omnes servi Domini: qui statis in domo Domini, in atriis Domus Dei nostri... Benedicite Dominum”. Vocês são assim: são as servas do Senhor, moradoras da casa do Senhor, vocês que andam nos átrios do Senhor. Bendigam o Senhor, experimentem-no e vivam todas para Ele (C. 12/2/1844).

O ESPÍRITO DO INSTITUTO

- Dimensão contemplativa
- Dimensão apostólica
- Salvadores com Jesus

DIMENSÃO CONTEMPLATIVA

Recomendo-lhes encarecidamente a continua oração que se faz em todo tempo e lugar, por meio de jaculatórias, com frequentes atos de fé, de adoração, de esperança, de amor, de humilhação, pois este é o mandamento do Senhor: “é preciso rezar sem nunca cessar.” E São Paulo dizia: “Orai sem cessar.” Caminhando na presença de Deus, sempre dadas à oração, sempre fiéis no cumprimento de todos os deveres, vocês, certamente, se tornarão santas como é a vontade de Deus. Isto é o que Deus quer: sua santificação: ”Haec est voluntas Dei, sanctificacio vestra.” Sim, caras filhas, vocês devem ser como lâmpadas ardentes e luminosas em meio às trevas deste mundo. Sua casa deve ser uma casa de anjos, que servem a Deus em espírito e verdade (r.p. 33).

Conservem o espírito de oração, conservem uma doce e santa união com Jesus Cristo. Nossa vida deveria ser uma contínua oração de modo que nunca seja interrompido o colóquio com Deus. Não lhes parece grande consolação estar todo dia na presença da Grande Majestade do Altíssimo Soberano e poder-lhe falar à hora que quiserem e pedir-lhe qualquer graça? (C. 7/5/1842).

Recomendo-lhes a oração: quer sozinhas, quer na Igreja, falem ao Senhor com grande confiança, amor, fé; falem, chorem, consolem-se n'Ele. Na oração encontra-se todo o bem; que momentos suaves quando se fala familiarmente com Jesus! (C. 22/5/1838).

Amem a oração e com grande satisfação fiquem junto ao seu Esposo Jesus (C. 14/11/1838).

Regozijo-me porque amam a oração e a meditação. Creiam: sem oração não há santidade, não se pode ter amor e confiança no Senhor, não se pode ser humildes, puros, angélicos (C. 26/4/1841).

Vocês, pois, esforcem-se para agradar-lhe em tudo, frequentem a santa oração, façam-lhe frequentes ofertas de seu coração e digam-lhe muitas vezes: Senhor, sou sua serva inútil, não me abandone (C. 21/1/1846).

Continuem assim: rezar, meditar, conversar muito com Deus, renovar os propósitos, examinar-se, humilhar-se e coragem (C.2/9/1842).

Fortifiquem-se com a santa oração, com o amor de Jesus Cristo e façam muitas vezes propósitos de querer imitar a paciência e a mansidão de Nosso Salvador Jesus Cristo, chamado Cordeiro, Ovelhinha. Assim serão felizes (C. 6/5/1847).

Sim, cara filha, não nos esqueçamos nunca de fazer tudo para a glória do Senhor, de invocá-Lo e adorá-Lo continuamente, de ter sempre diante de nós a vida e os exemplos de Jesus Cristo. Sabe quanto bem lhe fez este Esposo Celestial, quanto lhe concede cada dia; seja, portanto, inteiramente d'Ele. Saúdo-a com todas as Irmãs e rezo para que todas se edifiquem com santos exemplos e cresçam no amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e se conservem perseverantes no seu serviço com fidelidade e humildade (C.24/1/1846).

Meditar Jesus Cristo, rezar e fazer obras santas: eis sua vida, a vida de uma religiosa (C. 20/5/1848).

Estando em oração, façam seu coração falar com Deus, tão santo, tão grande e, juntas, falem-Lhe com familiaridade e confiança, pois Ele é seu Pai querido. Oh! Quantas necessidades nós temos! Rezemos, pois, rezemos muito. Tenham acima de tudo uma terna devoção a Jesus Cristo nosso Salvador e nosso Senhor. Meditem muitas vezes a sua vida, sua pobreza, sua doçura, seus sofrimentos (C. 30/11/1841).

À noite, quando está acordada, chame-O para que fique em sua companhia. Ofereça-Lhe seu coração, as companheiras, as alunas,

medite sua vida, sua mansidão, sua caridade, sua paciência, sua Paixão. Invoque-O também para mim. Especialmente quando está na Igreja, fale-Lhe como Moisés no Sinai, face a face, humilhe-se diante d'Ele, até o pó, diga-Lhe “Senhor, não sou digna de estar aqui, diante de Vós, ó Deus Santíssimo, eu pobre pecadora. Mas Vós vos dignastes chamar-me a esta casa, a esta Igreja e acumular-me de tantas graças: sede bendito” (C. 15/12/1844).

Rezemos nestes dias, rezemos muito e recomendemos todos a Jesus: superiores, amigos e renovemos os propósitos de querer tornar-nos santos, santos de obras, santos de coração (C. 24/12/1845).

Amar Jesus Cristo, amá-Lo de verdade, amá-Lo sobre todas as coisas. Mas, como obter esta qualidade? Como conservá-la e aumentá-la? Em primeiro lugar, ler continuamente e meditar a vida e a paixão de Jesus Cristo, aquele grande mistério, como diz S. Paulo: “absconditum a saeculis et generationibus.” Aqui é onde todos os santos se incendiaram naquele fogo ardentíssimo que lhes fez operar tantas maravilhas. À meditação, siga-se uma grande devoção a Jesus Sacramentado. Vocês moram, diria, na mesma casa com este amigo, irmão, nosso rei. Como devemos sentir-nos felizes e tranquilos ao nos encontrarmos com Ele, ao falar-Lhe face a face, como Moisés sobre o monte, oferecer-Lhe nosso serviço, pedir-Lhe graças, gozar de suas doçuras, tornar-nos anjos, prostrados e reverentes em volta do altar do Senhor. Seja esta sua mais cara consolação e seja-Lhe doloroso ter que se afastar, por outros deveres, do tabernáculo de Jesus Cristo (A 17).

Vocês têm Jesus Cristo realmente presente no Santíssimo Sacramento. Que lindo privilégio e dom singular! Jesus Cristo habita aqui na mesma casa com vocês, todo para vocês. Deus está com vocês, seu Esposo, Amigo e Rei, o Senhor dos Senhores. Bem compreendem o que, cada dia, devem fazer para tal Hóspede e Esposo (r.p. 28).

Dei-me à oração e, tendo aqui em casa Jesus Sacramentado, fico muitas vezes com Ele. É tão suave encontrar-se na quietude e no silêncio, em santos colóquios com Deus! Como é bom o Senhor para quem O ama! Mas, porque O amamos, é preciso que não nos apeguemos a nada neste mundo e nos exercitemos naqueles contínuos sacrifícios que nos desapegam de nós mesmos, das pessoas, das coisas, das comodidades, até das consolações (C. 4/2/1841).

Que grande consolação a nossa por termos em casa Jesus Cristo em pessoa e podermos ir a seus pés a cada momento! Falar-Lhe face a face, melhor que Moisés sobre o mesmo Sinai. Ó caro Jesus! Sede bem-vindo em nossa Casa. Santificai-a. Tornai-a digna de vós. Transformai-nos em tantos anjos adoradores. Amém (C. 24/1/1841).

Naquela noite, pois, em que Judas, o apóstolo, o traía, em que Pedro estava para o renegar e todos os apóstolos para o abandonar, naquela noite em que os homens o maltratariam, o condenariam à morte, Ele, o bom Jesus, pensou em lhes deixar o maior presente, deu-lhes seu próprio corpo para comer, deixou-lhes para sempre o Sacramento de sua carne como alimento e consolação. Vocês, pois, filhas, considerem o Salvador na maravilhosa instituição. Considerem como manda dois discípulos para que preparem a mesa numa sala grande, bem atapetada, decorada. Considerem como lava os pés de seus discípulos para lhes ensinar a pureza profunda que exige, como desejava celebrar aquela páscoa com eles com imenso desejo: “desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum”: como os convida delicadamente a comerem e a beberem aquele Sacramento, como os exorta a renovarem aquele sacrifício, aquela comunhão em sua memória. “Fareis assim também vós depois de minha morte, mas lembrai-vos de mim.” Ó filhas, como esqueceremos nós tanto amor de nosso caro Jesus? Vamos com avidez receber o seu dom, lembremo-nos de sua pessoa, agradeçamos-lhe também por tantos cristãos que não recebem este Sacramento ou o maltratam com comunhões

sacrílegas, peçamos-lhe que a SS. Eucaristia na vida e na morte seja nossa mais cara consolação (C. 7/4/1846).

Façam companhia a Jesus nestas festas, rezem, consolem-se mutuamente, contemplem: Jesus, o presépio, Maria, os Anjos, a pobreza, os pastores, os dons, as graças. Viva Jesus! (23/12/1840).

Boa Mãe é Maria! Amemo-la, honremo-la e procuremos imitar aquela sua vida escondida, humilde, cheia de fê, de contínuos sacrifícios e de cruzes. Demos muita atenção à oração: amemos Jesus Cristo (C. sem data).

Saúde suas companheiras, minhas caríssimas filhas, e juntas permaneçam em santa compunção e suave tristeza no sepulcro de Jesus, imitando Maria Madalena. Ela com as companheiras levaram preciosos aromas para embalsamar o corpo de Jesus. Nós levemos-lhe ternos afetos e uma vontade eficaz de morrer para nós e para o mundo (C. 28/3/1839).

Eis que chegamos à Páscoa também este ano, sadios, alegres e mais consolados que outros anos. É a quarta Páscoa que fazem após o ingresso na Congregação e certamente esta é para vocês a vida mais feliz. Quantos acontecimentos em tão breve tempo! Tudo, porém, passou e tudo para o maior bem de nossa Congregação. Aprendamos paciência e coragem, desconfiança de nós, total abandono em Deus. Prossigamos com reta intenção, com o olhar no Paraíso, com o coração em Jesus. Nada amemos desta terra: amemos Jesus, o Paraíso, as almas. Cada dia melhoremos, cada dia um passo para a perfeição: recolhimento, silêncio, frequentes humilhações, caridade para com todos, simplicidade de coração e transparência, a presença de Deus sempre diante dos olhos, frequentes jaculatórias, vigilância sobre o amor próprio: eis como agradar a Jesus Cristo (C. 26/3/1842).

Invoquem o Espírito Santo com grande instância. Todos os dons da alma vêm do Espírito de Deus. Rezem, rezem (C. 18/5/1839).

Nestes dias do SS. Sacramento, que bela ocasião para amar a Jesus, para estar a seus pés como Maria. Rezem também por mim. Nos exercícios espirituais que preguei aos ordenados, eu também saí ganhando: percebi que eu estava dissipado demais e sensível demais ao amor próprio. Agradeço ao Senhor e quero emendar-me, para que, vindo a morte, não me surpreenda mal preparado. Trata-se da eternidade, de um Paraíso ou de um Inferno!!! Ajudem-me também vocês. E o Senhor nos conceda termos sempre a mente bem iluminada e o coração dócil à sua voz (C. 2/6/1847).

Na semana dos Santos Exercícios, devem conservar-se em grande recolhimento e silêncio. Ficarão na Igreja ou na cela, meditando as verdades eternas ou examinando sua consciência. Imaginem começar agora a servir verdadeiramente o Senhor e que talvez seja a última vez que têm tão bela comodidade espiritual. Bem-aventurada a alma que é capaz de saborear dias tão preciosos, nos quais o Senhor se torna todo nosso (r. p. 31).

Ótimo pensamento começar os Exercícios espirituais em lugar solitário. Sim, saboreiem o retiro, gozem de um pouco de tranquilidade, fiquem muito com Deus, amem nosso caro Jesus. Também eu, retirado em minha cela nestes três dias, saboreei muito o silêncio e a solidão. Comecei novas resoluções de querer, de verdade, servir o Senhor de coração e de desapegar-me sempre mais do mundo (C.24/4/1842).

Regozijo-me intensamente que tenham feito o seu Retiro Espiritual. Conservem os dons de Deus, conservem o espírito de oração, conservem doce e santa união com Jesus Cristo. Nossa vida deveria ser uma contínua oração, de tal modo que nunca interrompêssemos o colóquio com Deus. Não lhes parece grande consolação estar o dia inteiro na presença da grande Majestade do

Altíssimo Soberano e poder falar-lhe à vontade e pedir-lhe todas as graças? (C. 7/5/1842).

Deseja que eu a ensine a fazer os Santos Exercícios. Imagine ser uma pobrezinha doente, maltrapilha, miserabilíssima e que o Grande Rei Jesus Senhor a chame em seu palácio para consolá-la com palavras e com presentes e torná-la rica, gloriosa, boa. Seu palácio está no retiro, no fundo do coração, na solidão: suas palavras só se ouvem no profundo recolhimento; seus dons celestes só os dá às almas humildes, simples, abertas, as quais reconhecem as próprias necessidades e as próprias misérias. Entre, pois, neste Retiro com esta disposição. Diga com frequência: “Eis, ó Senhor, vossa serva, faça-se em mim segundo vossa palavra: falai, Senhor, que vossa serva escuta” e coisas semelhantes. Guarda o máximo silêncio: além dos deveres prescritos, procure não se ocupar de nada e não querer saber de nada. Silêncio e recolhimento (C. 17/1/1840).

Feliz retiro! Estou aqui eu e Deus, minha alma e Jesus Cristo, ceda e paraíso, e o mundo está fora. Cara filha, rezemos: rezem por mim, para que tudo me renove no espírito, para que me torne Santo. Ai de nós se não amarmos Jesus Cristo, nosso único Bem! (C. 7/7/1840).

Nestes dias, fiquem muito recolhidas para saborear as delícias de Jesus Sacramentado. Meditem, agradeçam, amem. Transmitam os mesmos sentimentos às companheiras. Tornem-se santas, tornando-se humildes e todas de Jesus Cristo (C. 3/6/1839).

Querem fazer o retiro prescrito cada ano pela nossa Santa Regra. O tempo é propício. A Ressurreição de Jesus Cristo, o agradável clima da primavera, o Colégio completamente quieto, ótimas ocasiões para gozar, ao menos por alguns dias, de uma vida toda espiritual. Jesus ressuscitou dos mortos, para uma vida nova e imortal, assim também nós, diz S. Paulo, devemos agora caminhar por uma vida renovada. Como Jesus Ressuscitado só fala com seus

discípulos do Reino de Deus e, tendo subido ao céu, está sentado à direita de Deus Pai, em glória inacessível, assim também nós devemos ter nossas palavras, nossos afetos, nossos pensamentos voltados para o paraíso, para Jesus, para o Reino de Deus. Eis uma bela ocasião para afastar-se um pouco dos cuidados e das solicitações e de levar a vida de Maria que, sentada aos pés do Senhor, escutava sua palavra. Ó filha, damos tantas horas, tantos dias para os outros, demos algum para nossa alma, e lembremo-nos de que se nós não pensarmos em nossa alma, ninguém o fará por nós (C. 18/4/1846).

Neste Retiro devem fazer duas coisas. A primeira: fazer suas meditações sobre os novíssimos, sobre as virtudes de Jesus Cristo, sobre as virtudes que uma religiosa deve ter etc. A segunda: notar no seu coração onde há falhas. Muitas Religiosas pensam fazer muito saboreando as belas meditações, mas não voltam seus olhos sobre os próprios defeitos, não se humilham pelas próprias misérias, e assim continuam em sua vida vã, fria, relaxada, com grande perigo para sua eterna salvação (C. 18/4/1846).

Vocês, pois, tomem algum livro de exercícios Espirituais e recolham-se na Igreja ou no quarto; invoquem o auxílio do Senhor. Meditem, interrompam a meditação com frequentes atos de fé, de amor, de humildade, depois reflitam sobre si mesmas. Vocês mesmas sejam seu juiz e réu. Examinem as intenções com que fazem cada coisa, com que orientam, falam, tratam com as companheiras, com as pessoas, tudo enfim. Humilhem-se muito e o Senhor lhes fará um grande bem (C. 18/4/1846).

Comecem bem os Santos Exercícios e continuem-nos com fervor. Rogo-lhes que tomem todas as precauções para gozar de recolhimento e paz e ouvir a voz do Espírito Santo que fala na solidão, no silêncio, na paz. Recomendo-lhes encarecidamente... Conservem-se todas em boa saúde e rezem muito (C. 26/10/1874).

Não só lhes recomendo, mas imponho-lhes silêncio e repouso. Nesta novena do Espírito Santo rezem muito; é dom do Espírito Santo corresponder à vocação religiosa, praticar as virtudes e perseverar nelas santamente até o fim. É seu dom a oração, a humildade, a pureza, a paciência, todas as virtudes. Rezem, caríssimas e rezem com grande humildade. Vigiem e estejamos prontos a partir para a eternidade (C. 18/6/1842).

Lembrem-se bem dos propósitos feitos, repetidos: calma, paz, resignação à vontade de Deus, repouso no Coração de Jesus (C. 18/6/1842).

Recomendo-lhes muito a oração, o recolhimento, o exame de consciência, falar o menos possível com os de fora e entre vocês falar pouco e animar ao desprezo do mundo e de toda vaidade (C. 8/5/1839).

Aprendamos o recolhimento. Voz baixa, olhos recolhidos, silêncio nos tempos prescritos economia de palavras nos tempos livres (C. 12/6/1841).

Querem adiantar-se cada dia nestas virtudes e crescer na perfeição? Amem o silêncio, conservem o recolhimento (r. p. 40).

Amem muito o silêncio, a voz baixa, a modéstia dos olhos, o recolhimento, a união com Deus: sejam verdadeiros anjos de pureza e de amor Divino (C. 1/12/1838).

Conservem o recolhimento e o silêncio o mais que puderem, falem pouco (C. 8/5/1839).

Retiremo-nos com Jesus no deserto, separemo-nos de tudo deste mundo, para saborear somente o Senhor (C. 24/2/1844).

Recomendo-lhes, acima de tudo, a observância da Regra: o silêncio, sim, o silêncio, remédio para os males da língua, a exatidão nas práticas de piedade, no refeitório, em cada dever (C. 10/11/1843).

O silêncio é um eficaz remédio para as doenças da língua e é um grande meio para receber as divinas inspirações. Sejam alegres e de bom humor, mas sempre recolhidas no Senhor (r.p. 41).

A oração é uma grande arma e, ao mesmo tempo, uma grande consolação. Rezem, humilhem-se diante do Senhor, deliciem-se na companhia de Jesus. Ele é seu caríssimo e dulcíssimo Esposo. Amem-no muito e considerem leve qualquer sofrimento por seu amor (C. 14/1/1839).

Veja, caríssima, como o Senhor a consola. Esforce-se, pois, para agradar-lhe em tudo: frequente a santa oração, renove frequentemente a oferta de seu coração e diga-lhe muitas vezes: Senhor, sou Vossa serva inútil, não me abandoneis (C. 21/1/1846).

Agradeçamos o Senhor por tantas consolações e bênçãos e animemo-nos a servi-Lo, de coração, cada vez mais (C. 24/2/1844).

O fervor: sentindo fervor, a oração agrada, a penitência agrada, os próprios deveres agradam. Esforcem-se para ter sempre um grande gosto pelas coisas de Deus, pela visita ao SS. Sacramento, pelas leituras piedosas, por tudo o que se refere ao Senhor. Com fervor, tudo é fácil; sem fervor, tudo é pesado e tedioso (C. 18/4/1846).

Cara filha! Nada há no mundo que iguale a suavidade de tais consolações celestes: hoje eu gostaria que a Missa se tivesse prolongado pelo dia afora (C. 18/9/1840).

DIMENSÃO APOSTÓLICA

Esta Congregação procura unir o espírito e os exercícios das Irmãs de clausura com as instituições requeridas pelos tempos presentes para educar bem as meninas, como se nota nos diversos pontos desta Regra. A Regra tem, pois, uma dupla finalidade: providenciar para que as Irmãs tenham todos os meios para seguir uma perfeita vida religiosa e todos os meios para educar as alunas a elas confiadas, na sincera bondade cristã, nos trabalhos mais úteis para a família e nos estudos convenientes a meninas de bem (r. p. 18).

Duas são as finalidades que têm: uma, santificar a vocês mesmas com a prática dos votos religiosos; outra, tender à perfeição do Instituto, conduzindo as almas a Deus, seguindo o exemplo de Jesus Cristo. Ele, além de ter levado uma vida santa e perfeita, dedicou-se à fundação de sua Igreja e à redenção do gênero humano (A2p. 102).

Jesus concede-lhes uma graça especial: a de associar-se à mesma obra pela qual veio ao mundo: a salvação das almas (A2p. 89).

O Senhor as escolheu para que o sintam na intimidade de sua casa, para salvar almas remidas com seu Sangue; sirvamo-lo fiéis e generosos (C. 23/12/1876).

A caridade do próximo é, por excelência, a virtude do Evangelho. São chamadas não só para sua santificação, mas também para a salvação daquelas almas que o Senhor lhes confia (A2p. 101).

Jesus nos confia o que há de mais precioso, isto é, as almas: para elas derramou seu sangue (Al. 6).

Não são Religiosas somente para vocês: em boa parte também para o próximo e, especialmente, para as jovens educandas.

Seja qual for seu ofício, olhem-no como santo, como encargo confiado a vocês pelo Senhor, como exercício da maior importância (r.p. 33).

Vocês estão associadas ao ministério de Jesus Cristo, são como santas apóstolas e ministras de graça (A2p. 89).

Façam que Jesus Cristo seja bem conhecido e amado. Isso as torna missionárias e apóstolas de Jesus Cristo (r. p. 71).

Como se saboreia o Senhor na solidão, na vida devota! Maior, porém, é o merecimento da vida ativa, porque se coopera na salvação das almas. Esta, nós a escolhemos com a graça de Deus (C. 18/9/1940).

A messe é grande: é preciso que nos tronemos santos para poder fazer tanto bem. Recomendo-lhes encarecidamente a oração e o recolhimento (C. 28/6/1841).

Lembrem-se cada dia que nada é mais precioso do que as almas, nada mais meritório do que salvá-las. O que pediu Jesus ao apóstolo Pedro, como sinal seguro de amor? “Pedro, amas me? Se realmente me amas, apascenta minhas ovelhas” (r.p. 33).

Cuidem, de coração, de suas alunas; salvando-as, vocês salvarão, sem dúvida, a vocês mesmas (C. 30/11/1841).

Tenham grande zelo pelas educandas (C. 14/11/1838).

Pedi aos dois Santos Apóstolos que as confirmem na fé, que lhes obtenham um pouco daquela coragem forte, atuante, perseverante que eles tiveram, os quais, por amor de Jesus e pela salvação das almas, deram toda sua vida e derramaram todo seu sangue. Caras Irmãs, coragem. Padecer, humilhar-se, viver para o paraíso, eis sua vocação (C. 28/6/1835).

...Não é mais sua, mas de Jesus Cristo, é filha da obediência e não de sua vontade, Irmã de caridade, pronta a dar a vida pela alma dos outros, como Jesus Cristo a deu por nós (C. 5/7/1841).

Coloquemos toda nossa confiança em Deus e busquemos somente a glória de Deus e o bem das almas: tenhamos diante dos olhos o Paraíso e tudo nos parecerá leve e fácil (C.18/11/1839).

Nós, pois, tenhamos sentimentos de gratidão para aquele Senhor que nos escolheu para gozar da intimidade de sua Casa, para salvar almas redimidas com seu sangue. Sirvamo-lo fiéis e fervorosos (C.23/04/1876).

O que querem? A vida é breve, e, à hora da morte, decide-se a sorte final das obras cumpridas. Realizemo-las enquanto temos tempo, como virgens prudentes, guardemos bem acesa e provida de óleo a lâmpada ao encontro do Esposo Jesus Cristo. E, no paraíso, bendiremos o Senhor (C. 5/7/1841).

Assim o Senhor disporá de vocês. Quanto mais amarem a humildade, o silêncio, a pobreza, a cruz, tanto mais crescerão aos olhos de Deus e se tornarão Mães de salvação para tantas almas. Na escola de Jesus Cristo sobe-se descendo (C. 23/12/1840).

Procedamos com intenção sempre reta, com olhar no paraíso, com o coração em Jesus. Nada amemos desta terra, mas, Jesus, o paraíso e as almas (C.26/3/1842).

Estamos em dias abençoados de graças, de santificação, de renovação, de milagres espirituais, de toda bênção do céu: celebramos os dias de Pentecostes e as maravilhas do Espírito Santo, daquele Espírito prometido por Jesus Cristo a todos os seus fiéis e que, encontrando corações bem dispostos, neles entra e, enchendo-os com seus dons, os fortifica, os anima, os santifica. Vejam os Apóstolos: eram tímidos, medrosos, fracos, ignorantes, mas, desde que receberam o Espírito Santo, transformaram-se em homens novos, espirituais e

apareceram gigantes corajosos e invencíveis, confundiram os sábios do mundo, derrubaram ídolos e templos, plantaram em toda parte o estandarte da cruz e conquistaram para Jesus Cristo a terra toda. Tornaram-se os apóstolos, por obra do Espírito Santo, fortes, ardorosos, invictos, a tal ponto que, para eles, padecer era um lucro e alegravam-se com isso: morrer, para eles, era um triunfo e por ele suspiravam. Dons tão preciosos, ainda hoje o Espírito Santo os derrama no coração dos cristãos. E também sobre vocês os terá derramado, não com tanta abundância como sobre os apóstolos, mas o bastante para que se apaixonem pelo Senhor e sejam fortes, constantes nos propósitos e perseverantes no bem (Al 14).

Dediquemo-nos ao serviço do Senhor e atraíamos os outros para que O sirvam conosco (C. 18/5/1840).

SALVADORES COM JESUS

Tenham, caríssimas, como primordial, a devoção a Jesus Salvador: meditem sua vida, seus ensinamentos, sua paixão, seus benefícios e bendigam-no em todo tempo, amem-no, imitem-no, pois isto é o tudo da Religião Cristã, pois que, “d’Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas” diz São Paulo (r.p. 32).

Não confiem em vocês, mas coloquem toda sua confiança em Jesus Salvador. Quanta confiança devem ter n’Ele, seu esposo, Pai, Amigo! Ele as chamou, as escolheu, tornou-as suas esposas e Ele não as abandonará. Vocês bem sabem que as esposas procuram sempre agradar ao Esposo. E eis seu Esposo: pobre, humilde, benigno, manso, crucificado. Sua morada é um estábulo, uma choupana, um patíbulo; sua vestimenta, uma pobre túnica, sua ocupação é rezar, instruir, fazer bem a todos; a sua intenção é somente dar glória a Deus, seu Pai. Assim devem ser também vocês. Humilhem-se sob os pés de todos, considerem-se a última de todas, crucifiquem em vocês todo parecer humano (C.21/11/1838).

Ó caro Jesus! Vosso nome já é conforto. Olhai para nós, pobrezinhas; abandonamos tudo do mundo para abraçar vossa cruz. Vinde Jesus, nosso Amor, e infundi-nos coragem e fervor, para que perseveremos até o fim. A cruz é dura, é pesada, mas é a vossa Cruz e a carregamos por vós e convoco. Ó Jesus, não nos abandoneis, prometemos-vos que nunca a deixaremos, até a morte (C. 26/3/1839).

Amanhã começa o Advento do Senhor, tempo em que devemos preparar-nos para celebrar a vinda do Salvador Jesus Cristo, vinda que foi nossa salvação e a causa de todo bem. Vem o Esposo e nós devemos ir-lhe ao encontro com a lâmpada bem fornecida de óleo ardente. Para isso possuem todos os meios (C. 10/11/1843).

Aproximam-se os salutares dias de Natal de Jesus Cristo. Seu coração deseja expandir-se conosco e junto de vocês reavivar as chamas do amor deste caro Salvador nosso Jesus. Nós, consagrados ao Senhor, devemos, em modo particular, ser gratos e reconhecidos, fervorosos e santos. E por que veio o Filho de Deus sobre a terra? Para livrar-nos da perdição e dar-nos exemplos de santificação. “Apareceu a Graça de Deus nosso Salvador a todos os homens, diz S. Paulo (a Tito 2,11), ensinando-nos que, renunciando à impiedade e aos desejos do século, com temperança, com justiça e com piedade, vivamos neste século na expectativa daquela aparição gloriosa do grande Deus e Salvador nosso Jesus Cristo o qual se deu a Si mesmo por nós a fim de nos libertar de toda a iniquidade e de formar um povo puro, agradável, cuidadoso de fazer boas obras” (C. 12/12/1842).

Coragem, caríssima, não tema: Deus está conosco, quem estará contra nós? Contemple a vida de Jesus Cristo, considere-O muitas vezes no Presépio, na oficina, em suas viagens, em suas fadigas para instruir e consolar a todos. Que doçura! Que coração! Quanta paciência! Quanta ponderação! Que sacrifício continuo de si mesmo! Como conversava com ternura com toda espécie de pessoas! E, ao mesmo tempo, como amava a solidão, os lugares retirados, a oração! Contemple-O e ame-O muito (C. 4/11/1841).

Tem razão: sem a cruz de Jesus, não se pode chegar à perfeição; portanto, cada vez que se sentir angustiada agradeça ao Senhor. Considere, porém, que são bagatelas e prepare-se para cruzes maiores, até tornar-se digna de beber o cálice de Jesus Cristo. Por que perturbar-se? Cada lugar é casa do Senhor e onde se ama Jesus Cristo, aí é Paraíso. Veja como é fraca na vida espiritual? (C. 29/7/1838).

Segue em frente com coragem, e as poucas tribulações que teve até aqui considere-as como dons preciosos de seu Esposo Jesus. Procure dar valor a estes presentes, amá-los e assim será muito agradável ao Senhor. As casas religiosas fundaram-se com tribulações,

com lágrimas, com cruzes, grande sinal das obras de Deus (C. 10/6/1839).

Neste mundo não se pode ficar sem a cruz. Portanto, irei com ânimo ao encontro dela, abraçá-la-ei, beijá-la ei. É a chave que abre o Paraíso. E sempre adiante, com coragem (C. 14/12/1843).

Agradeça por tudo ao Senhor. Ele mortifica e vivifica, humilha e exalta, aflige e consola. Oh quanto bem se encontra no serviço do Senhor! Bendito seja em tudo Jesus Cristo, Deus de toda consolação (C. 31/12/1837). Em comparação de coisas tão grandes, são bem pequenas todas as coisas daqui. Se algo a aflige, lance um olhar interior a Jesus Cristo, uma jaculatória ao Crucifixo, um pedido de auxílio ao Coração de Jesus. Aí encontrará bálsamo, orvalho, repouso. Amemos intensamente a Jesus, não nos esqueçamos que lhe somos consagrados e que não podemos agradecer-lhe sem imitar seus exemplos (C. 2/6/1847).

Sacrifiquemos o que temos de mais caro ao Senhor e fixemos os olhos em Jesus Crucificado, vida e ressurreição nossa, e nele animemos nossa fé e esperança. Apegados a Ele nos veremos de novo no paraíso para nunca mais nos separar. Assim se devem consolar os cristãos e muito mais as religiosas (C. 31/8/1846).

O tempo passa, voa; passam as tribulações e as consolações, passa a vida, passa tudo. Mas Deus não passa, a Eternidade não passa, e os méritos da paciência, da humildade, da castidade, da oração não passam e durarão eternamente, como eterno também será o prêmio no gozo de Jesus Cristo (C. 8/5/1838).

Nestes dias, mantenha-se em tranquilidade e repouso espiritual. Bem sabe que o que mais me importa é sua saúde espiritual e física acima de qualquer interesse. Nestes dias, vivamos com o Senhor Jesus Cristo, meditemos o que Ele padeceu por nós e nos parecerá muito pouco o que nós padecemos por Ele (C. 20/4/1843).

Obedecer, sacrificar-se, padecer por amor de Jesus Crucificado: este é o culto que mais lhe agrada (C. 1/4/1878).

Considerem Jesus na Paixão, o Inocente, o Santo, o nosso Deus amarrado, açoitado, pisado, pregado na cruz. Contra Ele vomitam todas as acusações, calúnias, injúrias. Ele cala-se e suporta: qual manso cordeiro, deixa-se conduzir para a morte e, de boa vontade, morre por nós. Livro maravilhoso o Crucifixo! Tenhamo-lo diante de nós, meditemo-lo, envergonhemo-nos por sermos tão pequenas de coração, tão inquietas por bagatelas, tão preguiçosas e frias. Ele, o Senhor, é tão bom que nos cumulará de suas bênçãos. Estes são dias de graças que se distribuem no Calvário. Moremos lá perto da Cruz, perto de Jesus, como a Madalena, e dela voltemos purificadas no Sangue de Jesus, todas novas, todas santas (C. 26/3/1839).

Nestes dias considerem Jesus traído pelos seus, abandonado por todos, cheio de tédio, de angústia, de medo. Ei-lo no horto: ajoelha-se, prostra-se por terra, reza, chora, dizendo: “Ó meu Pai, devo beber este cálice? Se for possível afastá-lo... Não, Pai, não a minha, mas a Tua vontade seja feita.” E ei-lo amarrado como um malfeitor; considerem-no durante aquela noite: quem lhe cospe no rosto, quem bate nele, quem o empurra, quem o escarnece, e Ele, qual manso cordeiro, não se irrita, não responde, mas sofre contente. Considerem-no na flagelação e nos outros sofrimentos; acima de tudo considerem-no na cruz. Em face de Jesus, que tanto padece, que tanto é ludibriado, recusariam vocês padecer aquelas poucas aflições que Ele lhes manda? (C. 14/3/1839).

A mais bela maneira de nos prepararmos à sagrada Comunhão é pensar na paixão e morte de Jesus. “Se eu não me lembro, na Comunhão, da morte de Jesus, diz São Boaventura, não observo o mandamento de Jesus, não sigo o aviso de São Paulo que diz: cada vez que receberdes o corpo de Jesus, vos lembrareis de sua

morte.” São João Crisóstomo imaginava ver sobre o altar o cordeiro de Deus imolado, imerso em sangue. Portanto, nestes dias, tenhamos sempre presente a imagem de Jesus que agoniza no horto, que é insultado, flagelado, crucificado. Oh! que noite angustiada, tenebrosa passou o bom Jesus no horto! Naquelas trevas, naqueles temores, entre aqueles gemidos, façamos-lhe companhia, desejemos poder consolá-lo. Este é o ponto da paixão, que São Carlos gostava tanto de meditar e onde encontrava maior satisfação e fruto. Ponhamo-nos ao pé da cruz como a bendita Mãe Maria Santíssima e o bem-amado discípulo João; ponhamo-nos junto a seu sepulcro com a fervorosa discípula Maria Madalena a qual não podia afastar-se de lá e lá ficava chorando. É de grande proveito meditar na paixão de Jesus Cristo! Nela saboreiam-se e aprendem-se duas coisas principais: virtude e amor; aprende-se a amar e sofrer. Uma religiosa, especialmente, não deve perder de vista a paixão de seu Esposo Jesus e nela aprender a obediência, a doçura, a mansidão, a firmeza e a constância, a caridade, o sacrifício de tudo, de suas comodidades; de seus parentes, de seus gostos, até da saúde e da vida, por amor de Jesus. Ó paixão de Jesus! Ó Cruz! Ó Sangue! Ó suaves memórias para os fiéis discípulos de Jesus! Se, após tanto amor de Jesus para conosco, existe ainda alguém que não o ame, seja excomungado, diremos com São Paulo. E também agradeçamos a Jesus pela sua paixão e morte por aqueles que não fazem caso de tanto favor, não o apreciam e chegam a blasfemar contra Jesus. Sejam estes dias de meditação, de agradecimento, de fervor (C. 7/4/1846).

Os sinais de amar a Deus não são as lágrimas nem as ternuras do coração, mas padecer de boa vontade, negar o próprio querer, humilhar-se sob os pés de todos, não contar com os bens do mundo, viver crucificados com Jesus Cristo. Animemo-nos, pois, a padecer, a levar a cruz, a levar uma vida toda de abnegação, de obras úteis ao próximo, outro grande sinal do amor de Deus (C. 10/7/1840).

Para amar a Jesus é preciso nada amar deste mundo e exercitar-se naqueles contínuos sacrifícios que nos desapegam de nós mesmos, das pessoas, das coisas, das comodidades, das próprias consolações... Renunciar ao amor próprio e a todas as coisas, servir a Deus de coração (C. 4/12/1841).

Felizes de nós! Se morrermos ao mundo com Jesus, se d'Ele formos os servos fiéis, com Ele ressuscitaremos. Há de vir o belo dia em que, do pó do sepulcro, ressuscitaremos para uma nova vida e glória, não mais sujeitos ao pecado, à enfermidade, à morte, mas santos, gloriosos, felizes, resplandecentes como o sol. Assim aconteceu com Jesus. As piedosas mulheres, domingo de madrugada, vão ao sepulcro, levam aromas e unguentos, panos e, com muito amor, aproximam-se do lugar para honrar o corpo de Jesus. E eis que um anjo de corpo fulgurante, de roupas brancas como a neve lhes diz: Jesus ressuscitou. E enquanto elas se sentem divididas entre o temor e a alegria, ofegantes, aparece Jesus vivo, glorioso, triunfante. Lançam-se a seus pés, beijam-nos e não cabem em si pela alegria de ver tanta maravilha. Como Jesus ressuscitou, também nós ressuscitaremos. Antes, porém, devemos, como Jesus, entregar nosso corpo ao sofrimento e o recuperaremos glorioso, triunfante. Este pensamento nos deve consolar em meio aos sacrifícios que devemos impor cada dia ao nosso corpo: agora padecer, depois ressuscitar com glória (C. 7/4/1846).

Esta glória, o Senhor a assegurou a nós que pertencemos ao corpo de sua Igreja. Esta Igreja foi, como Eva, tirada do lado de Jesus, dormindo o sono da morte sobre a cruz, representada pelo sangue e pela água saídos do lado de Jesus, sangue e água, símbolo dos Sacramentos. Também esta é uma grande consolação: devemos agradecê-la ao Senhor! Pertencemos à Igreja à qual Jesus Cristo deu o seu corpo, sua doutrina, as chaves do céu, o reino do Paraíso. A herança é nossa; nosso o reino; nosso Deus. Bendito seja o Senhor que nos concedeu tão grandes graças e nos preparou tanta felicidade.

Amemo-lo de coração. Sirvamo-lo com fidelidade, perseveremos com firmeza e fervor, e Jesus será nosso na vida e depois, na morte (C. 7/4/1846).

Sim, adiante com coragem. Jesus nos precede com a Cruz. e, também nós, sigamo-lo generosos com a nossa cruz (C. 18/9/1840).

Nestes dias que nos lembram o amor de Jesus Cristo para conosco, uno-me também às vozes da Igreja para animá-las a reconhecer este grande amor a ser-Lhe gratas e devotíssimas. E de que modo? Estudando e imitando Jesus Sacramentado, modelo de toda virtude. Vejam: é modelo de caridade, pois por ela foi levado a instituir este Sacramento, onde permanece continuamente para nosso conforto, auxílio, sustento, sacrificando-se inteiramente. Como nos amou e nos ama Jesus no Santíssimo Sacramento, no qual parece ter esgotado as riquezas de seu amor! Nada mais nos poderia dar nesta terra. Que faremos nós para imitá-Lo? Amaremos Jesus, amaremos o próximo, amaremos os pobrezinhos, os atribulados, os enfermos, que são os irmãos de estimação de Jesus, amaremos também, quem nos é contrário (C.12/6/1841).

A vontade, como esperto piloto, deve dirigir o barco do coração, sem desvios, ao porto de salvação: Jesus Cristo (C. 17/1/1840).

Invoke-O, humilhe-se diante d'Ele e, por seu amor, humilhe-se diante de todos. Vigie para que nada exista em você que desagrade aos olhos puríssimos de Jesus Cristo e, toda vez que deve suportar alguma mortificação e cruz diga: “Jesus Cristo carregou uma cruz bem mais dura e mais pesada”. Filha, não nos devemos gloriar a não ser na cruz de Jesus Cristo de modo que sejamos crucificados no meio do mundo e o mundo seja crucificado para nós (C. 14/3/1839).

O amor de Jesus Cristo, Cabeça, não pode estar separado do amor à sua Igreja que é o corpo. Como Jesus “dilexit Ecclesiam

suam et seipsum tradidit pro ea”, assim devemos nós amar esta Igreja de Jesus Cristo (A.2. p.63).

Rezem, humilhem-se diante do Senhor, regozigem-se em entreter-se com Jesus. Ele é o seu dulcíssimo e caríssimo Esposo. Amem-no muito, e toda dificuldade considerem-na um nada por seu amor (C. 14/1/1839).

Coragem, minhas filhas, tudo as convida à santidade: a Virgem Maria em sua Anunciação, Jesus na Paixão; as santas com seu exemplo; a própria primavera, os campos, as flores, os pássaros. Vejam como tudo se renova, se alegra, torna a viver. Começemos, pois, também nós nova vida, nova coragem, novo ardor. Corramos atrás de Jesus, vivamos só para Ele. Breve é a vida e passa como relâmpago. Bem-aventurados nós se vivermos como santos, bem unidos a Jesus Cristo. Deixo-as em Jesus e Maria e abençoo-as todas, boas Virgens e filhas caríssimas (C. 24/3/1841).

Adeus, caríssimas filhas. Adeus para todas. Saúdo-as e bendigo-as em nome do Senhor. Vivamos Jesus, amemos Jesus, morramos por Jesus; crucifiquemos em nós o velho homem, tornemo-nos totalmente novos na humildade, na caridade, fé e sacrifícios (C. 18/9/1840).

**OS TRAÇOS
DE UMA AUTÊNTICA
MARCELINA**

- Simplicidade e Humildade
- Bem-aventuranças Evangélicas
- Espírito de família
- O segredo da alegria
- Ensinar Jesus

SIMPLICIDADE E HUMILDADE

Sejam humildes, simples, cândidas como as pombas. Empenhem-se em humilhar-se, humilhar-se de coração e exercer os ofícios mais baixos, imitando Jesus, que nasce num estábulo, trabalha numa pobre oficina, lava os pés aos discípulos, morre sobre uma cruz (C. 14/11/1838).

“Sejam simples como pombas” lhes diz Jesus Cristo, isto é, sem amargura, sem inveja, sem rodeios, sem falsidade, sinceras, bondosas. E também “aprendam de mim que sou manso e humilde de coração” e era chamado Cordeiro de Deus e, de boa vontade, ficava com os pobres, com as crianças e fazia o bem também àqueles de quem recebia injúrias. Escondia toda a sua glória, misturava-se aos pecadores, chamava-se Filho do homem, homem como os outros, chegava até a lavar os pés de seus discípulos. Eis o exemplo. É de altíssima importância para religiosas competir para se tornarem servas uma das outras, aspirarem os ofícios mais baixos, considerarem-se a última do convento (r. p. 38).

Junto com a negação de si mesma deve encontrar-se a virtude da simplicidade, naturalidade e transparência: virtude rara no mundo, onde tudo é fingimento e simulação. Tenham, pois, o coração nas mãos, nos lábios. Estão inquietas ou preocupadas? Abram seu coração com a superiora que Deus lhes deu. Cometeram algum erro? Digam-no com simplicidade: não se desculpem, não se defendam. Estas belas virtudes são mais preciosas que os milagres (C. 30/11/1841).

Enquanto forem simples e humildes, esta Congregação florescerá na concórdia, caridade, obras santas: à medida em que entrar a vaidade, a soberba, entrarão também a murmuração, os caprichos, a discórdia, os partidos e “será grande a ruína desta casa”

(S. Mateus). Deus não o permita. Com esta simplicidade, ficarão satisfeitas com tudo, seguirão a vida comum, seguindo a regra, deixarão de lado as singularidades tão perniciosas em uma comunidade. Singularidade é querer pensar e agir diferentemente das outras boas Irmãs: deixar de lado os deveres comuns, as práticas ordinárias e inventar outras a capricho. Praticar penitências extraordinárias, uma piedade que chame a atenção, excesso de serviços exteriores, e mudá-los frequentemente: obstinar-se contra os avisos das Superiores, julgá-las ignorantes, parciais; desprezar a Regra, formar-se idéias bizarras de uma perfeição maior e de Regra mais santa. E, quando todas concordam em fazer observar de novo algum ponto caído em relaxamento, a singular opõe-se gritando contra a novidade, ou dizendo: foi sempre assim, por que inventar novidade? Grande mal é o espírito de singularidade. É o orgulho mais diabólico e o mais difícil para ser curado. Cuide-se cada uma contra tal peste e façam com que não atinja a ninguém (r.p. 38-39).

Amem os caminhos planos, a simplicidade. Os corações sejam sinceros, abertos, alegres: assim caminharemos bem e seguros (r.p. 56).

Vivam total vida comum com as outras Irmãs. A santidade está em viver bem na vida comum. Nas singularidades, geralmente, há soberba. Não queiram distinguir-se em nada... devem adaptar-se a tudo, ceder a todas, sem pretensões, sem dar-se ares de importância em nada: doar-se com todas as forças para servir a Congregação, sem fazer barulho, sem fazer alarde. Falem de vocês o menos que puderem e amem passar desconhecidas. A modéstia, o recolhimento, uma doce alegria e serenidade de coração resplandeçam sempre em toda a sua conduta... Caminhem na vida comum, fazendo tudo com reta intenção, para agradar a Deus (A2p. 105-106).

Jesus Cristo, nosso Esposo, vai em frente,, e nós o seguimos generosamente. Em primeiro lugar, proponham-se renegar a

própria vontade. Isto é difícil e é esta a principal necessidade: negar a si mesmo, reprimir as próprias vontades, fazer de boa vontade como pensa o outro... Vigiem sobre o amor próprio, sejam maleáveis, sempre contentes em obedecer. Sabem quem é o primeiro entre vocês? – dizia um dia nosso caro Salvador a seus doze apóstolos, “aquele que se julga o último.” (C. 30/11/1841).

Aprendamos dele a amar a pobreza e os pobres, a ser humildes, a servir-nos mutuamente, a não nos queixarmos dos sofrimentos, a seguir a obediência, a conservar-nos desapegados do mundo (C. 24/12/1838).

Ótima é a sua intenção de fazer penitência e dar exemplo às outras: repare que talvez nisto vá um pouco de vaidade e de soberba. Considere que esta costuma ser uma intenção do demônio para estragar sua saúde e tornar-se doentia para depois não prestar para nada (C. 2/4/1840).

São Francisco de Sales, que foi aquele renomado mestre de espírito, como bem o sabe, não se dava muito à penitências corporais, mas preferia as mortificações internas da vontade. Quando se pensava em fazer andar descalças suas religiosas, respondeu: “Prefiro que minhas religiosas tenham calçados nos pés e a mente descalça”, isto é, que preferissem ter a mente, a vontade simples, autêntica, humilde, mortificada. São Vicente de Paulo não prescreveu nenhuma mortificação física às suas filhas da Caridade, queria que se contentassem com as pequenas e os trabalhos do Instituto. E Jesus Cristo, o grande Mestre de todos, levou uma vida comum sem nenhuma singularidade. Veja, pois, cara filha, eu não posso permitir-lhe muito. Quando quiser fazer alguma coisa a mais, limite-se a deixar alguma porção da comida, sempre com a licença da Superiora, ame muito o silêncio; suporte em paz os pequenos incômodos da estação; levante-se pontualmente pela manhã ao primeiro sinal. Fique satisfeita com tudo. Quanto ao interior, disponha-se a suportar em paz todo

desgosto, pena, contrariedade, sabendo que nunca terá tanto merecimento como nas humilhações e suportando as contrariedades (C. 6/3/1839).

A humildade: repita a você mesma continuamente: o que eu tenho de meu? Misérias e pecados e nada mais: se algo de bem eu tenho, é totalmente de Jesus. Tudo é dom gratuito do Senhor. Humilhe-se profundamente diante do Crucifixo, beije-o e apresente-lhe suas misérias e peça-lhe um coração humilde, flexível, sensível às suas inspirações (C. 18/4/1846).

Sua carta de 15 dias atrás agradou-me pelos lindos sentimentos de humildade. Nela você me diz que, tendo feito o retiro mensal, encontrou seu coração cheio de defeitos. Guarde estes sentimentos que estão fundados sobre a Verdade. Persuada-se de que, se se examinar bem encontrará defeitos maiores ainda. Examine-se sobre a vaidade e a soberba e lembre-se de que uma religiosa, se não for humilde, não vale nada, é miserabilíssima. Coragem, pois, procure agradar somente os olhos de Deus (C. 1840).

Não se preocupe demais com o seu gênio, pois, como diz São Francisco de Sales, não nos devemos aborrecer demais por nossos defeitos, mas, com humildade, paz e paciência trabalhar todos os dias para nos corrigir um pouco: humilhar-nos, mas não deprimir-nos; o resto, a misericórdia de Deus o fará. Isto é certo (C. 19/1/1843).

Humilhem-se e aprendam a não confiar em suas asas, mas esperar sob as penas do Senhor. Quem somos nós sem o Senhor? Somos a miserável geração de Adão, contaminados por seu pecado, cheios de más concupiscências, soberba e tristezas de toda espécie, prontos e inclinados para o mal, incapazes e, sozinhos, fazer o bem, crianças medrosas e adoentadas, semelhante àquele homem assaltado por ladrões no caminho de Jericó, despojados de todo bem sobrenatural, feridos e enfraquecidos também nos bens naturais: o intelecto e a vontade. Os santos, compenetrados desta verdade

fundamental, tremiam por si mesmos, humilhavam-se, confessando a própria miséria, rezavam e vigiavam muito. E, mesmo ao fazer milagres, humilhavam-se e pensavam na própria fraqueza por medo da soberba e da queda que de ordinário a segue (C. 9/11/1843).

Crescer todos os dias no amor do Senhor, na paciência, na humildade, nos sacrifícios: a cada dia considerar que pode ser o último e preparar-nos cada dia melhor. Vigiemos, esforcemo-nos, combatamos, e o Senhor nos ajudará e nos coroará. Mortifiquemo-nos, humilhemo-nos e tudo prosseguirá de bem para melhor (C. 12/3/1844).

Quanto ao retiro, já ganhou muito mesmo só humilhando-se diante do Senhor. Diga, ó caríssima, está disposta a se humilhar? A passar por ignorante, por inútil? A ficar no último lugar? Sim, ó Senhor, não mereço outra coisa. Mas, quando chega a ocasião, o amor próprio renasce e, ainda somos o homem velho. Grande é a batalha com nós mesmos! Coragem, o Senhor nos ajudará (C. 26/4/1841).

Qual deve ser o fruto de seus Exercícios? O de torná-la humilde, mansa como ovelhinha de Jesus Cristo, o de amar o silêncio, o recolhimento, a oração contínua, o de um coração paciente, amante das humilhações e das cruzes, o de estar morta e crucificada para as coisas do mundo, para viver somente de Jesus e do Paraíso. Humilhe-se muito diante de Jesus e, ajoelhada como Madalena diante da Cruz, chore, reze com gemidos e fervorosas súplicas, pedindo que Ele a torne totalmente segundo seu coração. Como é bom Jesus para a alma que O procura e O ama! (C. 17/1/1840).

Esta é uma virtude que muito devem cuidar, virgens caríssimas: a humildade, considerando-se sempre desprezíveis e pequenas a seus olhos. Esta virtude torna-se mais necessária para vocês, porque o Senhor lhes concedeu dois grandes dons, por isso, as pessoas as louvam muito e as estimam. Por tudo agradeçam e louvem a Deus. Digam sempre sinceramente: sou a serva do Senhor. Se eu

faço algum bem, a glória é toda do meu Salvador Jesus. Outra razão para cultivar a humildade são os estudos. Estudam muito a língua, a geografia, os trabalhos e em tudo se saem bem. É fácil que a vaidade se insinue e dê lugar ao amor próprio. Vocês, pois, boas religiosas, estudem, sim, mas considerem-se humildes. Digam: aprendi isto e aquilo, porém me tornei melhor, mais caridosa, mais modesta, mais orante? Toda ciência é vaidade sem a humildade (C. 24/3/1841).

Nesta novena, animem suas companheiras a se tornarem santas, fazendo-se pequenas com Jesus (C. 15/12/1844).

Sejam daquela qualidade, daquela docilidade, humildade, condescendência, constância que são requeridas (C. 3/5/1838).

Procurem ganhar sempre em humildade e pureza de intenção. Considerem-se sempre a serva de todos, a última de todos; vigiem os pensamentos e cada movimento de seu coração (C. 31/12/1837).

Vele sobre você, vigie suas intenções e seu coração. O demônio não deixará de tentá-la pela soberba e a fará pensar que é boa, inteligente, habilidosa e a fará provar o gozo dos elogios que lhe fazem e lhe farão desejar ocasiões de honra. Resista ao demônio e persuada-se sempre mais que pouco sabe e pouco sabe fazer. Considere-se como a pior e mais ingrata de todas e, quando alguma coisa vai mal, atribua a você mesma. Retire-se muitas vezes no oratório e, ajoelhada diante de Jesus Cristo, apresente-se a Ele como uma Madalena em pranto e humilhada e pedindo-lhe que trate a você e à Congregação não segundo seus méritos, mas segundo a sua grande misericórdia; e estando assim ajoelhada, lembre-se de suas misérias e fraquezas, humilhe-se e deseje ser considerada como nada (C. 8/5/1839).

Seja-lhe completamente indiferente ser a primeira ou a última. Ser louvada ou ser desprezada, ser acariciada ou ser

repreendida, seja o mesmo para você. Assim agradecerá muito ao Crucificado, seu Esposo Jesus Cristo. Não ame o que o mundo ama; ame a Cruz de Jesus Cristo, e, após algum tempo de provação, ela lhe parecerá mais doce que o mel (C. 6/3/1839).

Quanto mais amar a humildade, o silêncio, a pobreza, a Cruz, tanto mais crescerá aos olhos de Deus e se tornará Mãe de salvação para muitas almas. Na escola de Jesus, sobe-se descendo (C. 23/12/1840).

Conserve os bons sentimentos que me expressou e, acima de tudo, exercite-se na humildade. Para esse fim, examine-se muitas vezes sobre as intenções e os movimentos do coração. Pergunte-se frequentemente: por que estudo? Por que ensino? Por vaidade ou para um fim reto e justo? Quando sou corrigida, me perturbo? Se alguma outra é melhor, mais louvada sinto desagrado e inveja? Com frequentes exames, com a oração, com o recolhimento, conseguirá tornar-se humilde, mansa, toda de Jesus (C. 18/5/1839).

À medida em que em seu coração se infundir o Espírito Santo, crescerá cada vez mais na celestial união e na doce humildade. Nada de bom nós fazemos, pois estamos estragados pelo pecado; mas, com a graça de Deus, nos fortificamos, tomamos asas como uma pomba para voar alto e repousar no coração de Jesus. Lembremo-nos de nossas misérias para nos conservar despretensiosos, humildes. Lembremo-nos de Jesus, de sua simplicidade, de sua pobreza, de suas fadigas, de sua solicitude em ensinar, de seus padecimentos, de suas tristezas, de sua morte e assim estaremos plenos de confiança, de alegria, de coragem (C. 25/1/1840).

Estamos no Advento. O que estão preparando para Jesus, que vem a nós? Que dom Lhe querem oferecer? Uma profunda humildade. Procurarão sempre contrariar-se, rebaixar-se, fazer a vontade de suas superiores. Amem os ofícios mais baixos, caríssimas, em honra de Jesus, grande Rei, que entra solenemente neste mundo

num estábulo. Grande mistério de humildade que confunde nossa soberba. Ao mesmo tempo, grande mistério de amor (C. 17/11/1837).

A paz de Jesus Cristo esteja com você, caríssima filha, e a consolação do Espírito Santo esteja em seu coração. Com quanto zelo deve servir Jesus Cristo, com quanta humildade desconfiar de você. Ó Jesus, ajude esta ovelhinha, socorra uma alma que deseja ser toda sua. Coragem, filha, ter defeitos é humano; humilhar-se é santidade; abater-se por causa dos defeitos é soberba; reconhecer os próprios limites é princípio de santidade; gostar de ser humilhado pelos defeitos é santidade... Filha, escondamo-nos juntos no Coração de Jesus, renovemo-nos no Coração de Jesus e em seu sangue (C. 3/9/1840).

Verdadeira santidade é fazer o próprio dever, sem poses extraordinárias. Aplique-se na humildade e desconfiança de si mesma, ame o silêncio, recite frequentemente as jaculatórias e as breves orações de amor de Deus; tenha sempre intenção reta e pura de agradar aos olhos de nosso caro Jesus, de imitar em tudo sua vida pobre, dura, desprezada, humilhada, de alegrar-se nas tribulações (C. 2/4/1840).

Filha, Jesus Cristo nos ensina a rebaixarmo-nos, a humilharmo-nos, e nós queremos aparecer... O Senhor que lhe quer bem a humilha. Agradeça-Lhe e vigie assiduamente sobre o amor próprio e a soberba. Permaneça alegre (C. 29/7/1838).

Jesus é modelo de humildade. Que veem na Hóstia Sacrossanta? Nada mais do que um pouco de pão. E onde está a glória de Filho de Deus? Onde os esplendores, a majestade, os cortejos? Tudo está escondido. Não só a Divindade, mas a Humanidade também. Jesus, Rei dos reis, parece aniquilado. Grande exemplo para nós! E nós, pelo contrário, procuramos ser amados e estimados, várias vezes até, por valores que não temos. Paremos e reflitamos. Gosto de ser estimada? Com que fins eu ajo, falo, estudo, ensino? As pessoas de

fora, procuro tratá-las bem para agradar-lhes e ser considerada? Como suporte as mortificações e as humilhações? É este um ponto bem difícil de ser vencido, superado... Contudo, que somos nós? Pó, podridão, pecado, ignorância, miséria (C. 12/6/1841).

Ame muito a Jesus Crucificado: reflita várias vezes como Ele viveu pobre e simples (C. 13/12/1843).

Veja-O em sua atitude pobre, humilde, amoroso, feito o Servo de todos (C. 2/6/1847).

Jesus mostra-se na maneira mais humilde. Humilde em seu traje, em seu porte, nos discípulos que escolhe, nas pessoas com quem gosta de conversar. Humilde em esconder tudo o que opera de grande. Se faz milagres, proíbe que se os publiquem, que se os espalhem, intima silêncio. Os milagres, os atribue à fé dos outros, ao poder de seu Pai. Humilde em rejeitar as honras: “voluerunt facere eum regem: ipse autem abscondit se...” (quiseram fazê-lo rei, mas Ele escondeu-se). Finalmente: humilde na paixão e morte (A 1,5).

Sejam humildes; a humildade é o distintivo das religiosas. O que tanto agrada nas religiosas aos olhos dos leigos? É aquela expressão de simplicidade, de doce humildade, serenidade de criança, sem pretensão nem malícia. Para conseguir esta virtude, é preciso pensar muitas vezes quem somos nós: miséria, corrupção, vaso de más cobiças e de soberbas, corações preguiçosos, ingratos, lama mesmo, capazes só de fazer o mal. Pois, se sabemos alguma coisa, se conhecemos algum bem, isto fazemos unicamente com o auxílio de Deus. Somos como crianças que não sabem andar se Deus não nos ajuda com sua mão (C. 10/11/1843).

Como criança simples, sincera e humilde, deve aceitar tudo com carinho. Inquietar-se, perturbar-se é efeito de soberba e de amor próprio (C. 8/5/1839).

Humilhe-se profundamente, medite Jesus em sua vida e em sua paixão, considere os grandes deveres de uma religiosa. Reze e torne-se criança diante do Senhor, ame a santa oração (C. 20/4/1846).

O Senhor está conosco: seja bendito e louvado e exaltado nos séculos dos séculos. Amém. Nós, porém, devemos caminhar diante dele, com humildade e fervor. Com humildade, desconfiando de nós e vigiando sobre nosso coração e sobre nossos afetos, sobre nossos olhos, sobre todos os sentidos. Pobres de nós, se vivermos com pouca vigilância e desconfiança de nós mesmos: o demônio que nos insidia, logo nos pegará e nos arruinará (C.12/3/1844).

Quem deve fabricar uma torre, pensa em escavar profundamente os alicerces: e você, que deve começar a levantar a torre da alma até o céu, pense quão fundo é necessário escavar, quanto deve se humilhar: escave seu coração, retire dele toda má vontade, todo alto conceito de você mesma, persuada-se de que é pobre, má, miserável e necessitada diante de Deus (C. 9/11/1843).

BEM-AVENTURANÇAS EVANGÉLICAS

Quem não imitasse a Cristo continuamente, teria só aparência de amor, por isso, recomendo-lhes um frequente exame de sua vida, para ver se está de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo. Digam muitas vezes entre vocês: Jesus só procurava a glória de seu Pai e os interesses das almas: e eu, o que procuro? Para onde vou? Qual é o fim e a alma de todo meu proceder, de toda minha ação? Jesus humilde e obediente até a morte e morte de Cruz. E eu, como vivo a humildade e a obediência? Jesus pobre que, sendo o dono de tudo, tornou-se não só pobre para nós, mas indigente “propter nos egenus factus est” ; Jesus alheio ao mundo e a todo prazer do mundo: e eu, como vivo, como penso, o que amo? Jesus doce e forte, manso e cheio de zelo, ovelha e leão; e eu, como pratico a mansidão nas injúrias e a fortaleza ao defender a causa de Deus e das almas? (A 1.7).

Devem vigiar muito sobre seu coração, examinar-se muito e interrogar-se: por que faço isto? Isto, aquilo, é conforme o espírito do Evangelho? (C. 20/6/1845).

Agradeço-lhe a expressão de seus sentimentos que me escreveu e retribuo os votos, sobretudo o de uma santa vida totalmente dedicada a Jesus Cristo, Senhor, Esposo, Pai, vindo como Servo para nossa salvação. Quanta matéria para meditar: do lado de cá, humilhações, pobreza, estábulo, palha, rejeição por parte dos homens, sofrimentos; do lado de lá: a Virgem Mãe, legiões de anjos, cantos celestiais, estrelas, pastores, magos. Verdadeiro homem, verdadeiro Deus, grande mestre desde o berço, dulcíssimo amigo desde o seu nascimento. Frequentemos esta grande escola do Presépio: devemos ser alunos de primeiro ano. Que o Senhor a conserve com saúde e feliz (C. 23/12/1876).

Estamos nas festas do nascimento de Jesus Cristo. Que sentimentos devemos ter nestes dias? Sentimentos de gratidão, de amor, de caridade, de desapego de tudo o que é terreno. Vejam Jesus Cristo: nasce numa choupana, é envolvido em poucos panos, está exposto ao frio e a outros padecimentos. E por que veio ao mundo? Por que padece? Para nós, para nossa salvação. Se Jesus não tivesse vindo, estaríamos perdidos para sempre. Portanto, agradeçamos a Jesus, queiramos-Lhe muito bem e não O ofendamos nunca. Ó Menino Jesus, dou-Vos meu coração e todo meu ser. Quero servir-Vos de coração por toda minha vida (C. 14/12/1838).

Vejam o Menino Jesus numa choupana, desconhecido, ignorado. Que terá dito o mundo? Nem o olhou, nem o acolheu, não o visitou. E aquele menino tornou-se um Grande, o Mestre, o Grande Profeta, o Salvador, o Rei: e salvou o mundo e reinou nos corações. Assim o Senhor vai dispor de vocês (C. 23/12/1840).

Recomendo-lhe o contínuo estudo de Jesus Cristo. Pense nele muitas vezes. Era tão pobre que nem tinha uma pedra onde pousar a cabeça e vivia de esmola. Era tão manso e humilde que é chamado pelos profetas e evangelistas de “Ovelhinha, Cordeiro” que se deixa tosquiar, degolar sem abrir a boca. Lindo exemplo de toda virtude é Jesus Cristo. Meditar Jesus Cristo, rezar e fazer obras santas: eis a sua vida, a vida de uma religiosa. E também com as companheiras fale muitas vezes de Jesus Cristo, da vida interior. Assim se tornará totalmente santa (C. 20/5/1843).

Aprendemos dele a amar a pobreza e os pobres, a ser humildes e contentes de servir-nos mutuamente, a não nos queixar nas penas, a seguir a obediência e guardar-nos desapegadas do mundo. (C. 14/2/1838). Jesus Cristo, nosso Esposo, vai adiante, e nós, atrás dele com generosidade. Em primeiro lugar, disponham-se a renegar a própria vontade. Isto é difícil e esta é a principal necessidade: negar a si mesmo, não ter pretensões, de boa vontade seguir o parecer alheio.

Por que, no mundo, se passa tão mal? Iras, brigas, violências, discórdias, vinganças, desconfianças. Por que estes males? Pelo fato de querer cada um seguir a própria vontade, o amor próprio e, não conseguindo, chega-se às disputas, aos rancores, às tristezas. Mas com você não é assim (C. 30/11/1841).

Animem-se, caríssimas, confortem-se em Jesus Cristo, lembrando-se de que Ele enfrentou lutas, perseguições, calúnias, tristezas, abandono, agonia, morte e era inocente, era o Santo dos santos. Diz a Sagrada Escritura: Nisto consiste a paciência dos santos: nesta terra eles não têm nem consolação, nem prêmio; aqui é o lugar de sofrer e de ter paciência (C. 24/4/1842).

Esta é a grande ciência dos santos: mortificar-se, vencer-se, humilhar-se, padecer. Leiam-lhes a vida: quantas lutas! Quantas penas! Que duras provações! Apesar disso, corajosamente superaram tudo; passaram pela água e pelo fogo, tremeram, choraram, agonizaram e assim se tornaram santos (C. 26/3/1839).

Exorto-as a que vigiem muito sobre vocês, sobre seus pensamentos, sobre seus olhos, sobre cada coisa, para que em vocês nada haja de mundano, mas tudo seja santo (C. 21/11/1838).

Portanto, modéstia, vigilância do olhar, conversas castas, vida dura, séria, de oração e exame atento. Devoção à nossa querida Mãe Maria Santíssima, ao Anjo da Guarda, que está sempre ao nosso lado. Assim se tornarão santas. Reneguemos todos os maus desejos do mundo, resistamos aos apetites do corpo, deixemos toda soberba, capricho e maldade; vivamos neste mundo, puros, sóbrios, devotos, dedicando-nos aos louvores de Deus, ao bem do próximo, com os olhos e o coração voltados para o paraíso (C. 12/12/1842).

Combater, mas com os atrativos da caridade, com a amabilidade da mansidão, com a beleza da verdade, com a santidade do exemplo. Combater, não para elevar-nos na vossa condição... não

para fazer valer caprichos ou satisfações particulares, mas para lutar em favor da verdade e da justiça por meio da caridade, pela virtude do sofrimento; vencer com a mansidão, triunfar com a paciência, ganhar a coroa pelos padecimentos. Nossas armas são: a Palavra de Deus, as lágrimas e a oração. A nossa glória: a Cruz de Jesus Cristo. Todo o nosso saber: Jesus e Jesus Crucificado (A 1 4b).

Coração magnânimo, pois, generosidade nos sacrifícios, pureza de intenção, contínuo estudo da vida de Jesus pobre, humilde, sofredor, toda caridade: eis nossos trabalhos, nossos amores (C. 24/12/1860).

Por tudo, demos glória ao Senhor, origem de todo bem. Animemo-nos a servi-Lo sempre melhor como bons religiosos, com humildade, em espírito de oração e de perfeição, fazendo tudo para lhe dar glória (C. 7/6/1875).

Em primeiro lugar, prestem atenção para fazer tudo com a sincera e santa intenção de servir à majestade de Deus como convém aos verdadeiros cristãos e muito mais às religiosas. Cumprir cada dever e exercício com um sentimento humilde de si mesmas, uma grande confiança em Deus, o amor ao sacrifício, que é a característica, o distintivo da boa religiosa (r.p. 27).

Sempre as lembro de que são religiosas, que professaram levar a cruz de Jesus Cristo em cada tempo de sua vida e que seu estado é, por sua natureza, um estado de mortificação e de penitência. Pensem em tanta gente que vive no mundo: operários, camponeses, mães de família, meninas operárias que nunca se permitem um divertimento e descansam suspendendo o trabalho em tempo oportuno ou variando-o com outro (r.p. 62).

Ao desapego da própria vontade, que se faz com o exercício da santa obediência, é preciso unir também o desapego de tudo. Desapego da afeição inquieta para com os parentes e qualquer

pessoa de fora, desapego da amizade particular para companheiras e amigos de dentro, desapego da roupa, dos móveis, desapego dos hábitos e das comodidades, desapego da gula e de tudo o que lisonjeia a soberba e vai de acordo com a sensualidade; desapego também desta ou daquela Casa da Congregação (r.p.36).

Quão pobre de virtude seria aquela Irmã que ficasse de má vontade na Casa ou no ofício que a santa obediência lhe destinou. Nisto está a dificuldade, caras filhas, e nisto está também o merecimento. Quem quiser me seguir, diz Jesus Cristo, negue-se a si mesmo, renuncie a tudo neste mundo, e tudo irá recuperar no paraíso (r.p. 36).

Quanto ao exercício das virtudes, pratique as mais comuns, como a obediência, o silêncio, a caridade com as Irmãs, a aceitação amorosa de ser levada em conta, ter o coração desapegado de tudo, pronta a morrer cada dia. Assim, em pouco tempo, se tornará muito agradável aos olhos de Deus (C. 14/1/1839).

As penitências extraordinárias lhe são proibidas, porque o Instituto já tem muita ocasião de penitência e de mortificação corporal nas fadigas da Escola e nos deveres da Casa, e o Senhor quer práticas diferentes segundo os vários Institutos. Vocês, porem, devem também carregar a cruz e conservar-se mortificadas e crucificadas. Será vantajoso para vocês oferecer cada dia, em espírito de penitência seus deveres, as fadigas, os sacrifícios, os incômodos da saúde, pois isso é dever de todo cristão (r.p. 39).

Uma religiosa sem sacrifícios é um monstro na religião (r.p. 40).

Falou muito do Senhor a suas Irmãs. Como isto me agrada! É exatamente meu desejo. Você é religiosa, por isso deve muitas vezes discorrer sobre seu Esposo Jesus, frequentar a oração, cultivar o recolhimento, o silêncio; examinar-se cuidadosamente sobre os afetos

do coração, sobre os apegos, sobre a vaidade, a soberba e tornar-se simples, humilde, semelhante em tudo a Jesus (C. 3/6/1843).

Como desejo tornar-me santo! Contudo, não vou para frente. Como desejo entregar-me inteiramente à oração e à contemplação! Apesar de estar promovendo muitas coisas para a glória do Senhor, sou sempre o homem imperfeito de antes. Muitas vezes pedi ao Senhor de não me deixar morrer de morte comum, mas de martírio ou consumido em obras de caridade. Contudo, na ocasião desisto e dou uma de preguiçoso. Ó quando, cara filha, acordaremos e amaremos o Senhor de todo coração? É doce e suave amar o Senhor, e também é doce padecer por Ele. Andemos, pois, pelo caminho, visto que a vida passa e tudo passa como o raio. Logo nos encontraremos no paraíso. Quantas coisas diremos no paraíso! Quantos louvores ao Senhor! Que prêmios! (C. 13/11/1841).

O tempo passa, voa. Passam as tribulações e as consolações, passa a vida, passa tudo. Mas Deus não passa, a Eternidade não passa e os méritos da paciência, da humildade, da castidade, da oração não passam e durarão para sempre, como para sempre será o prêmio no gozo de Jesus Cristo (C. 8/5/1838).

Cara filha, animemo-nos. A batalha é breve, mas a vitória, eterna. Veja como tudo passa rápido! Portanto, não percamos tempo, façamos o bem e tornemo-nos santos: e venha a morte quando quiser. Nós cantaremos como cantava São Luis: “Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi: in domum Domini ibimus. Sou feliz porque irei à Casa do Senhor”. Deus as abençoe como eu as abençoo a todas, toda noite, ao deitar (C. 21/11/1838).

Considere quantas penas mandou o Senhor para Santa Tereza em suas fundações, quantas contradições! E ela, firme em Jesus e escondida em seu coração, não se importava com as cruzes, gozando tanto mais quanto mais padecia. Assim devemos fazer

também nós. Se Jesus mandar tribulações, amarguras, provas, é sinal de que nos ama, nos protege, nos considera amigos. Agora a cruz é amarga, mas, depois, se tornará doce como o mel. Agora, nós não vemos como vão acabar certos acontecimentos, certas disposições de Deus; mas, depois, veremos e bendiremos o Senhor, maravilhados por suas grandes misericórdias (C. 14/3/1839).

Veja como Deus dispõe tudo para o nosso bem. Tenha a certeza de que Deus permitiu esta pequena cruz para nos fazer muito bem; a cruz para os cristãos, para os religiosos é um tesouro, porque, como diz S. Paulo, ela é sabedoria de Deus, força de Deus: “Dei Sapientia, Dei virtus.” (C. 22/2/1851).

O Senhor não nos faltou até agora em nada e não nos faltará (C. 23/12/1840).

Tenha aqueles cuidados que deve ter uma mãe de muitos filhos e, quanto ao resto, abandone-se tranquila nas mãos da amorosa Providência de Deus (C. 23/12/1840).

Deus seja em tudo bendito! Tudo passa, tudo desaparece; somente Deus é eterno, e nós n'Ele nos reuniremos para vivermos eternamente com Ele (C. 22/2/1851).

Breve é a vida, passa como relâmpago. Felizes de nós se vivermos como santos, bem unidos a Jesus Cristo (C. 24/3/1841).

Deus abençoe as duas e aumente sempre seus dons, as torne santas e mães de tantas santas, ó caríssimas filhas primogênicas. Deus esteja sempre diante de seus olhos, assim como seu dulcíssimo Filho Jesus Cristo. Procurem cada dia agradar-Lhe com a pobreza, com o silêncio, com a humildade, simples como ovelhinhas, fazendo bem a todos. Não desanimem pelos defeitos passados. Deus os permitiu para seu bem e para humilhá-las, para elevá-las a Ele.

Renovem frequentemente os propósitos, recomecem cada dia: conseguirão (C. 7/11/1840).

Desejo todo o bem a todas: a oração, a pureza, o amor de Deus, a perseverança final e também saúde e alegria (C. 23/12/1840).

Seja, pois, louvado nosso Senhor no céu e na terra, sobre os montes e nas cidades, na viagem e no quarto, na Igreja, pois que Ele é bom e eterna é a sua misericórdia. Amemo-Lo muito e façamos tudo servir para a glória D'aquela que nos escolheu entre mil para tornar-nos participantes de suas graças (C. 10/4/1866).

O Senhor a abençoe, a console, a torne uma serva inteiramente segundo o seu Coração e lhe conceda vida longa, cheia de obras santas para, depois, resplandecer como estrela no paraíso (C. 18/6/1842).

ESPÍRITO DE FAMÍLIA

Em primeiro lugar, guardem entre vocês a caridade, preciosa herança de Jesus Cristo. Suportem-se, ajudem-se, honrem-se mutuamente. Se acontecer algo que não convém, avisem-se com humildade, não com desprezo interior. Vocês têm a superiora, ela providenciará tudo; recorram a ela com piedosa confiança (C. 10/11/1843).

Conservem-se unidas em tudo. Mas, para chegar a isso, é preciso sacrificar as próprias ideias, as inclinações e o próprio juízo (A.2.p.100).

Em seu exame, considere se e onde falta com a língua e prometa muita atenção para não ofender a caridade. Examine-se sobre os deveres de superiora, sobre o bom exemplo etc... Filha, tornar-se santo requer trabalho e tempo. Os santos também suaram e agonizaram. Coragem, pois, o Senhor a confortará (C. 18/4/1846).

Suportem-se umas às outras, ajudem-se como uma mão lava a outra, cuidem da honra e do bem estar das Irmãs tanto como os seus (C. 30/11/1841).

Empenhem-se na sua santificação para que, mortas a tudo deste mundo, possam viver vida nova em Jesus e por Jesus. Sua casa é esta; sua Mãe é a Santa Regra; o Pai é Deus; as Irmãs são as companheiras e as educandas, os interesses, o bom andamento do Instituto. Assim viverão contentes no Coração de Jesus (C. 1/12/1838).

Sendo esta Congregação aprovada pela Santa Igreja e destinada pelo Senhor a fazer tanto bem, devem considerar o grande favor de pertencer a este corpo e pensar que, em um navio, viajam igualmente tanto os que estão na direção como os que manejam os

remos; a santidade e o mérito não dependem, nem do lugar, nem do corpo, mas dos sacrifícios, da obediência, da humildade, da reta intenção (r.p. 99).

(Suas Casas) formarão uma só família sob uma única direção, uma caixa comum, com um só coração (r.p. 19).

Agrada-me ver sua gratidão pelos cuidados e bons exemplos das Irmãs. Sim, nossa santa Congregação não é um Colégio Secular, sob uma Diretora, mas uma união de Irmãs, todas iguais, todas aplicadas aos vários deveres, na obediência à regra. E isto produz a força e a sua prosperidade (C. 27/3/1877).

Amem-se, caríssimas, amem-se entre vocês. Este é o mandamento de Jesus Cristo, seu mandamento novo, o distintivo dos discípulos de Jesus Cristo. São chamadas Irmãs porque devem realmente viver fraternalmente em Cristo. Não contristem as Irmãs, nem com palavras, nem com ações, nem cheguem a disputar ou brigar; pelo contrário, esforcem-se para ceder ao parecer uma das outras e para servir-se e honrar-se mutuamente. Se, por acaso, acontecer magoar alguma Irmã, logo peça-lhe perdão (r.p. 37).

Devem amar todas as Irmãs igualmente e só em Jesus Cristo com amor santo. Guardem-se bem das amizades particulares e da demasiada familiaridade com esta ou aquela. As simpatias e as antipatias não ornem cristão algum, muito menos uma religiosa. Das amizades particulares originam-se desordens, mágoas e danos gravíssimos para a comunidade. Nunca haverá amizades particulares nem ofensas da caridade se forem simples e humildes (r.p. 37).

Ao desagradável espírito de singularidade opõe-se o belo e amável espírito de uniformidade nas coisas exteriores, virtude preciosíssima numa Congregação. Felizes de vocês se ele reinar sempre nesta casa! Devem ser todas iguais e uniformes no alimento, no vestuário, na roupa, nas camas, na mobília, na observância dos

deveres comuns, nas práticas religiosas prescritas, em conservar a boa ordem da casa, em dirigir as alunas na educação e instrução; calar quando é tempo, recrear-se à sua hora, trabalhar, dormir, comer, sair de casa, ficar na Igreja, na cozinha, na sala de aula, tudo conforme a Regra, sem murmuração, sem distinção, de pleno acordo, com alegria. Então esta Casa ficará em harmonia como um órgão afinado. “Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum”. Vigiem, porque, para conservar tão bela harmonia, são necessários grandes sacrifícios e muita generosidade de coração. É preciso estar desapegada do amor próprio e não se ter em conta para promover o bem da Casa e a glória de Deus (r.p. 40).

No tempo do recreio, ficarão unidas como boas Irmãs o mais possível; é proibido ficar sozinha, afastar-se da Comunidade ou andar sempre com a mesma companheira. Domine no recreio a decência dos modos, a hilaridade dos rostos, a caridosa complacência dos corações. As conversas, como lhes exorta S. Paulo, sejam temperadas de sal e edificantes (r.p.63).

Manterão entre vocês concórdia, igualdade de humor, compadecendo-se dos defeitos, avisando-se com amizade e santos exemplos, lembrando-se de que estão na presença de Deus (r.p. 100).

Vocês gozam de grande paz, concórdia e felicidade porque todas, em lugar de seguir a própria vontade, seguem a das Superiores, a das Regras. Pois bem, continuem assim. Vigiem sobre o amor próprio, sejam flexíveis, sempre contentes em obedecer.” Sabem quem é o primeiro entre vocês? dizia um dia o caro Salvador a seus discípulos: aquele que se julga o último.” Eis, vocês são todas irmãs. Quem é a mais distinta diante de Deus? Aquela que se torna serva de todas. Aquela que obedece, se adapta, recebe tudo sem se ofender, mostra-se de rosto alegre e coração feliz em todo o ofício, e até prefere estar com Jesus no estábulo, na oficina do que no Tabor (C. 30/11/1841).

Continuem de boa vontade nos ofícios que lhes foram designados e cumpram-nos com prazer, com alegria: ofícios que gozaram da predileção de santos, cheios de sabedoria, em eminente grau. Empenhem-se em ser a última de todas, a serva das servas. Quanto ao resto, sua vida seja simples, comum, conforme a Regra, fugindo de toda singularidade e distinção (C. 9/11/1843).

Filhas, lembrem-se de que devem ser Irmãs de coração e obras: afastem-se das singularidades, das dispensas, das distinções, e a superiora não conceda exceções à Regra a não ser por motivos reais e por verdadeira caridade (r. 40).

Conservarão sempre a prática prescrita por S. Bento para seus monges e monjas e adotada por S. Carlos Borromeu para os clérigos, também os de Teologia, do seu Seminário: dormir muitas em um só dormitório, melhor do que em cela separada, o que acostuma à vigilância, à modéstia e é mais conforme à pobreza e mortificação (r. p. 42).

Aconselhem-se mutuamente, animando-se, edificando-se, corrijam-se, avisem-se com caridade, com simplicidade e disso tirarão grande proveito (C. 29/1/1839).

Um dos meios mais oportunos para conservar o bom espírito da Congregação e conduzi-la com prudência e segurança é a reunião das mais maduras para o conselho de deliberação. “Se dois ou três de vocês se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles,” diz o Senhor. Devem confiar na presença do Senhor no meio de vocês, quando se reúnem para melhor santificar o seu nome e fazer melhor a sua Vontade (r.p. 101-102).

Animem-se para o espírito religioso da oração, da presença de Deus, de um grande amor a Jesus Cristo; de pobreza e paciência e de uma grande união de caridade (C. 20/12/1874).

Amem-se reciprocamente, pois a caridade é o hábito das filhas de Jesus Cristo. E, como uma mão lava a outra, assim, mutuamente, ajudem-se, considerando-se irmãs muito caras (C. 8/12/1838).

Conservem a caridade, que é o distintivo dos discípulos de Jesus Cristo, lembrando-se de que cada uma tem virtudes para imitar e defeitos para compadecer. Com a caridade, a Congregação será sempre um paraíso (C. 14/11/1838).

Pratiquem as virtudes mais comuns, como a obediência, o silêncio, a caridade com as Irmãs (C. 14/1/1839).

Rogo-lhes que todas se edifiquem com exemplos santos e cresçam no amor de nosso Senhor Jesus Cristo (C. 24/1/1846).

Ó quanto bem! Uma pia sociedade de boas Irmãs, unidas em um só coração, dedicadas à santificação das almas que lhes serão confiadas, é um grande tesouro (C. 14/1/1839).

A superiora não permita que se introduzam novidades que a separem do andamento da Casa Mãe; portanto, o mesmo espírito, as mesmas máximas, as mesmas práticas devotas. Nem as Irmãs, nem as alunas façam juízos comparativos em prejuízo da unidade de opinião desta ou daquela localidade, deste ou daquele colégio (r.p. 76-77).

Mando bênçãos às Irmãs Mestras, para que alcancem de Deus a paciência, a graça, a saúde dos pulmões, frutos de dóceis e boas alunas. Mando bênçãos a todas as outras Irmãs ocupadas em trabalhos, na cozinha e nos vários ofícios. Mando bênçãos a quem se ocupa do Oratório, que será de proveito para as almas de tantas meninas. Para todas, peço a Deus a perseverança no bem, no espírito religioso, na paciência, na concórdia, a fim de que sejam um só coração como pedira Jesus para seus Apóstolos “ut sint unum” (C. 23/12/1876).

O SEGREDO DA ALEGRIA

Lembrem-se de que nosso primeiro dever é dirigir bem nossa alma e conservá-la quieta, serena, resignada, caridosa. Amem muito a Jesus e Jesus Crucificado. Pensem muitas vezes como Ele viveu pobre, simples, manso como um cordeirinho, fazendo o bem a todos. Perseguido, pisado, crucificado, rezava para seus algozes (C. 13/12/1843).

Se vivermos n'Ele e por Ele, com fé, com o divino amor à espera de seu reino, Deus nos amará e nos encherá com seus favores. Então nosso coração se sentirá bem, alegre, em paz, feliz e dele emanará também para fora a alegria, a doçura, o bom odor de Jesus Cristo. Isto se chama antecipação do paraíso (C. 9/6/1847).

Digam-me: onde está a santidade? Como se conquista? Corrigindo o mau caráter, mortificando-se, fazendo tudo para tornar-se mansos, calmos, resignados... Que fazer, se vier a tribulação? Levantar os olhos para o Senhor no céu e dizer: “Deus, meu Pai, quer isso: seja feita a sua vontade”. Levantar os olhos para Jesus na cruz e dizer: “Veja seu Esposo em que mar de tribulações está e você recusa beber uma gota?” Ó caro Jesus, sim, até agora inquietei-me demais: dispenho de mim segundo vossa Santa Vontade. Assim se conquistam a calma, a paz e a suavidade de espírito. Coragem, pois: rezem, humilhem-se, confiem (C. 24/4/1842).

Por que angustiar-se? Por que agitar-se? Já não lhe assegurei mais vezes que não a abandonarei, ou melhor, o Senhor não a abandonará? (C. 10/12/1837).

Rezemos juntos para que nosso bom Senhor nos torne santos. Para alcançarmos isso, recomendo-lhe santa resignação em tudo e repouso em Deus, dizendo muitas vezes: “Bendita seja a Santa

Vontade de Deus! Assim vos aprouve, meu Jesus, sede bendito. Sou a vossa serva; é muito que me conserveis na vossa graça!” (C. 7/5/1842).

Se guardar o espírito preparado e resignado em Deus, as coisas não a chocarão muito, caso contrário, ficará perturbada, destruída, acabada (C. 2/6/1847).

Caminhemos sempre em caridade solícita e em santa confiança. Não deixemos brecha para o diabo penetrar em nosso coração através de alguma nossa fraqueza. Vigiem, rezemos, humilhem-nos, fiquemos com o coração em Deus, n’Ele repousemos, aceitemos de bom grado consolações e amarguras em união com Jesus Crucificado (C. 13/1/1841).

Deveria já estar acostumada às tribulações e manter-se tranquila e serena. Devemos ser como certas montanhas altíssimas, cercadas pelo temporal, nuvens, trovões, raios, trevas, granizo e chuva e, contudo, têm o cume levantado sobre o temporal, sem nuvens, iluminado pelo sol. Assim, no meio de todo sofrimento e tribulação, devemos conservar nossa mente serena e erguida para Deus. Ofereçamos, pois, tudo a Deus em espírito de resignação e de penitência e digamos de coração: “Fiat voluntas tua”. Tenhamos sempre diante dos olhos Jesus pobre, angustiado, traído, abandonado, condenado, pregado na cruz; consideremos o paraíso rico de toda consolação e tudo nos parecerá leve (C. 8/1/1844).

As cruzes são a porção dos servos de Jesus Cristo, e nós as devemos receber com tranquilidade e paz, especialmente as doenças que são permitidas por Deus, nosso Pai querido. Uma religiosa deve conservar-se sempre tranquila, resignada, serena. Fazer do melhor modo possível o que depende de nós, e, quanto ao resto, bendizer ao Senhor (C. 5/3/1842).

Tome coragem e procure ir sempre em frente. Esteja Jesus diante de seus olhos e ame fazer tudo o que for para a sua maior glória. Seu coração esteja unido ao dele e não se perturbe. Seu coração, ora estará alegre, ora seco, árido, inquieto, ora corajoso, forte, generoso e ora tímido, perplexo, preguiçoso. Não se perturbe, não se importe, nem pense nisto. Basta que conserve sempre a vontade firme de querer servir o Senhor e nunca ofendê-lo. Nosso coração é como o mar, ora alto, ora baixo, ora calmo e bonançoso, ora agitado e tempestuoso, mas a vontade, como piloto seguro, deve dirigir o navio do coração diretamente para o porto da salvação, Jesus Cristo, sem inquietações, sem desânimo. O próprio Jesus Cristo, ora exultava de consolação, ora chorava; entristecia-se, amedrontava-se como no horto das Oliveiras. E assim aconteceu com todos os santos. Coragem, pois, caminhe pela estrada plana, quieta, recolhida, unida a Jesus Cristo, sem singularidades, sem escrúpulos, atenta aos seus deveres e assim se tornará santa (C. 17/1/1840).

Um pouco mais de confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo, um pouco mais de resignação e calma e perceberá que temos muito de que nos consolar no Senhor (C. 17/3/1842).

Sim, filhas caríssimas, e aqui está tudo: se combaterem, se resistirem corajosamente, tudo será vencido e gozarão em breve de grande paz. Se ficarem entre o sim e o não, titubeando, a paixão e o demônio as vencerão e ficarão sempre agitadas, inquietas, aflitas. São Bernardo, um jovem de 22 anos, nobre, rico, de grande talento, retira-se na solidão e se entrega a uma grande austeridade. Mas a carne o atormenta; lembra-se da casa paterna, vê as alegrias dos seus, o tédio o surpreende, parece vacilar, ceder. Logo se reanima dizendo: “Bernardo, que fazes? Se voltares para trás, não terás o paraíso; é melhor padecer aqui por breve tempo e gozar para sempre depois. Coragem: vieste para padecer”. E assim, fortalecido, entrega-se à oração, à obediência; venceu, triunfou. E tanto fez que não se

lembrava mais, nem da casa, nem da família, nem de coisa alguma do mundo, nem do próprio corpo (C. 26/3/1839).

Encoragememo-nos, sacrifiquemo-nos; em seguida, tudo se torna fácil. Se sobrevierem tentações e tristeza pela família abandonada, ou pela liberdade perdida, ou pela observância da obediência, ou por qualquer outra inquietação, no começo isto pesa, parece que a serenidade não vai mais voltar. Pouco a pouco, tudo se esvai e passa, e vem a serenidade mais bela e mais longa. Se, pelo contrário, se desanimam e se amedrontam, marcarão passo continuamente, sempre inquietas, sempre noviças e, assim, não gozarão nem do mundo, nem de Deus. É preciso coragem! A coragem forma-se com boas meditações, piedosas leituras, direção espiritual e, sobretudo, com a oração e consideração de Jesus Crucificado (C. 26/3/1839).

Para que perturbar-se? Todo lugar é casa do Senhor, e, onde se ama Jesus Cristo, aí está o paraíso. Veja como é fraca na vida espiritual! (C. 29/7/1838).

Não se preocupem: vai acontecer nem mais nem menos do que aquilo que Deus quiser (C. 1/5/1838).

Sejam sempre alegres em Jesus e Maria e digam sempre: “Seja feita a vontade de Deus; seja dada glória a Deus!” (C. 14/3/1839).

Sejam fervorosas e alegres no cumprimento de seus ofícios e, quando lhes assaltar tristeza ou preguiça, digam como São Bernardo: Minha alma, para que viemos a esta casa de Deus? Talvez para levar vida boa e cômoda, ou para levar a cruz de Jesus Cristo? (r.p. 100).

Adiante, com coragem, com intenção reta, com grande amor a Jesus Cristo, com paciência, abnegação e alegria em todo acontecimento (C. 18/3/1869).

Deem-se a Jesus Cristo. Em suas companheiras e alunas, infundam alegria, recolhimento, espírito de oração (C. 19/3/1842).

Alegrem-se entre vocês no Senhor (C. 9/6/1839).

Juntas devem animar-se, alegar-se, animar-se para o bem (C. 13/11/1841).

Saúdo-as de coração, sigamos adiante assim, alegremente no Senhor (C. 19/12/1943).

Pensem muitas vezes no paraíso e conservem-se alegres no Senhor. (C. 12/3/1843)

Lindos os dias que vão passar agora: de dor, de amor; de dor que faz amar, de amor que faz sofrer! Amemos Jesus de todo o coração e vivamos todos para Ele e n'Ele e nenhuma coisa deste mundo nos perturbará. Tudo passa como relâmpago. Jesus e o paraíso durarão para sempre (C. 1/4/1843).

Tudo passa, tudo desaparece. Somente Deus é eterno e n'Ele nos reuniremos todos para viver eternamente com Ele (C. 22/2/1851).

Conservem-se nos bons sentimentos que me manifestaram por escrito, pensem muitas vezes no paraíso e fiquem alegres no Senhor. Vejam como tudo vai bem, muito bem. Por tudo demos glória ao Senhor. Saúdo-as de coração, continuemos assim, sempre para frente com alegria no Senhor (C. 13/12/1843).

Sinta-se feliz por estar nesta Sociedade. A razão é aquela mesma que Jesus deu no Evangelho: "Se dois ou três se reunirem em

meu nome, prometo que eu estarei no meio deles”. Este é o nosso caso. Jesus está com você. Que teme? (C. 21/11/1838).

Tudo, então, lhes parece fácil? Seja louvado Deus que lhes cede tão bela graça! Enquanto tudo corre bem, conservem a constância, a humildade, o fervor para quando o demônio vier atribulá-las (C. 21/11/1838).

Gozam de uma grande paz, concórdia e felicidade porque todas em lugar de seguir a própria vontade, seguem a da superiora, a da Regra (C. 30/11/1841).

Queiramos muito bem ao Senhor e seremos felizes aqui e na outra vida (C. 8/5/1850).

Como é doce servir o Senhor no fervor, viver na expectativa do paraíso (C. 24/5/1844).

Passem estas festas em santa alegria e consolação, em oração e discursos edificantes (C. 5/12/1840).

Nada me perturba, vivo sempre contente, repousando, não na minha paciência ou habilidade, mas na de Deus e no Coração de meu caro Jesus, para cuja glória edifiquei esta casa. Viva Jesus e Maria! (C. 27/4/1839).

Viva alegre e no nome de Jesus. Asseguro-lhe que me esqueço de todo desgosto, para só lembrar o muito que fez à minha casa e a mim (C. 3/9/1840).

A graça e a paz de Jesus Cristo e a consolação do Espírito Santo estejam com todas vocês. Agradeço ao Senhor porque estão bem e vivem alegres em meio à pobreza e sob a obediência, e cada dia se esforçam para crescer na virtude e perfeição. Para mim, não há felicidade maior quando sinto que meus filhos espirituais andam bem, diante do Senhor. Deus Pai e nosso Senhor as abençoe, as cinco, agora e sempre. Amém (C. 14/11/1838).

ENSINAR JESUS

O fim principal pelo qual foi fundada esta Congregação é o da educação das meninas, por isso vocês todas, filhas caríssimas, devem estar bem persuadidas da grande importância de sua vocação e corresponder a ela com desvelo (r.p. 49).

Tenham diante dos olhos a promessa do Espírito Santo: “Quem tiver ensinado muitos a viverem bem, resplandecerá como estrela no reino eterno” (Dan. c.L.). As meninas que tiverem conduzido à salvação, no dia de sua morte, dirão ao grande juiz, Jesus Cristo, as palavras do jovem Tobias, cap. XII: “Pai, esta nos conduziu incólumes na viagem da nossa juventude, preservou-nos do Dragão devorador, encheu-nos de todo bem: qual recompensa lhe darás por tantos benefícios? (r.p. 33).

O ofício de educador é santo, difícil e requer muita habilidade, exemplos edificantes, desinteresse absoluto e contínuos sacrifícios (r. p. 17).

Esta missão é verdadeiramente difícil e penosa; além de contínua oração, requer de vocês vigilância, habilidade e firmeza nos seus princípios (r.p. 50).

Como a finalidade deste Instituto é não somente a sua santificação, mas também o bem do próximo e, sobretudo, a educação da juventude, além das virtudes religiosas, devem procurar também aquelas virtudes civis e sociais necessárias para educar bem. E em primeiro lugar devem ter boa e sólida instrução. Cada uma, pois, conforme a própria capacidade, segundo as orientações da superiora, dedique-se ao aprendizado das ciências que se devem ensinar no Instituto (r.p. 46).

Para uma alma que saboreia Deus e a eminente ciência das coisas celestiais, torna-se pesado e doloroso aplicar-se às ciências humanas, mas devem pensar que estas ciências são por si inocentes e honestas e, ao mesmo tempo, meios e instrumentos para fazer muito bem. Qual é este bem? Granjeando estima e autoridade para as suas pessoas, para seu Instituto, para sua educação, atraindo assim um bom número de alunas, poderão formá-las para o Senhor. Com a ciência ensinarão as alunas a se ocuparem de maneira útil, a ajudarem do melhor modo a própria família, a se tornarem respeitadas em toda situação. O mundo exige ciência, e vocês, virgens prudentes, sirvam-se da ciência para vencer o mundo. O mundo muitas vezes a emprega para o mal, vocês empreguem-na para o bem. Vejam quantos missionários na América e na Oceania, por meio das ciências físicas e das artes mecânicas, abrem caminho para o Evangelho (r.p. 47-48).

As Irmãs Marcelinas, nos Internatos, conservaram o método da família, convivendo em tudo junto com as alunas, para formar melhor seu coração à simplicidade, ao trabalho e ao temor de Deus (A.1. 1864).

Não abandonem nunca o método abençoado de estar sempre no meio das alunas, nos dormitórios, no refeitório, no recreio. Elas se formarão melhor com seus bons exemplos do que com a abundância de preceitos. Como mãe prudente com seus filhos tratem-nas como filhas caríssimas, mas não se permitam confidências imprudentes. Que elas as amem, mas com repeito e honra (r.p. 55).

Quanto às educandas, procurar-se-á o maior proveito nos bons costumes, como nos trabalhos e na sólida cultura, objetivo principal da Instituição das Úrsulas Marcelinas. Não se deixe cair o atual sistema, até agora abençoado por Deus, de educar as alunas na simplicidade da família, no trabalho e na sincera piedade, convivendo as Irmãs com elas de noite e de dia, na mesa, nos recreios, em toda atividade (r.p. 75).

Conservem o bom sistema de comer junto com as alunas os mesmos alimentos. É útil adestrar as mais maduras, como foi feito até agora, para a cozinha, dispensa, arrumação da mesa e para preparar as comidas mais usuais (r.p. 54).

Lindo o ofício que lhes foi designado! Quanto bem podem fazer àquelas tenras jovens que lhes são confiadas para instruí-las. Guardem com amor o seu ofício, cumpram-no com zelo e amem suas alunas com amor santo. Se as amarem em Jesus Cristo, não sentirão o tédio que às vezes acompanha seu trabalho (r.p. 86).

Toda vez que entra uma juvenzinha no colégio, imaginem que o Senhor, tendo-a tirada do mundo, a confia a vocês, dizendo-lhes como a filha do rei Faraó à mãe de Moisés, entregando-lhe aquela criança subtraída às águas do Nilo: “Toma esta criança e educa-a para mim, e eu te darei a recompensa devida” (Êxodo cap.II).

De Deus recebem estas juvenzinhas, em nome d’Ele devem guardar-lhes o corpo e a alma, formá-las para Ele, e prestar-Lhe contas como da coisa mais cara a seu coração. Felizes de vocês que, cumprindo com zelo e perseverança esta santa e cansativa missão, terão “o céu, além do prêmio das virgens, também o dos Santos Apóstolos e Mártires” (r.p. 49-50).

O bom exemplo vale mais que todas as palavras e, quando suas alunas virem que vocês vivem somente para o Paraíso, que estão completamente separadas das coisas do mundo, que rezam, que recebem muitas vezes os Sacramentos, enfim, que são todas de Deus, serão levadas a imitá-las, porque impressiona mais o coração das jovens o exemplo de uma santa religiosa do que todos os sermões que se lhes possam fazer (A2 p. 95).

Uma palavra sobre as internas: vigiem muito. Vigiem mais sobre as maiores. Cara Marina, você entenderá a preciosidade deste

aviso. Recebemos dos pais tantos anjos e tais os devemos restituir. Um dia estas almas as abençoarão (C. 10/5/1839).

No recreio a Irmã esteja sempre no meio delas, não durma, não leia, não se aparte para orar. Procure ocupar as meninas com jogos honestos e sugerir-lhes vários entretenimentos. Vigie para que não se entreguem a jogos proibidos, nem incorram em perigos que as possam machucar; procure de todos os modos a saúde física e moral das educandas (r.p. 84).

Conservem o olhar atento e vigilante sobre as educandas. Procurem nas conversas formar-lhes o modo certo de pensar, insinuando o repeito aos parentes, o amor à fadiga e à vida frugal, séria, ocupada, a compaixão para com os pobres, a humildade com todos, a sinceridade e generosidade do espírito, uma piedade sólida e fervorosa (r.p.85).

Corrijam com ternura e com firmeza. Acostumem-nas a serem ajuizadas, refletidas, de bom coração (r.p. 85-86).

Ensinem-lhes que a mulher é destinada por Deus à família e com sua providência e com seu trabalho deve ser o olho, a mão, o coração, a consolação da casa. A lã, o linho, as roupas, o abastecimento de víveres, a ordem, a limpeza, a saúde, os bons costumes da família, são o objeto de seus cuidados: aqui é o seu campo e aqui encontrará o verdadeiro louvor. E saiba encontrar tempo e modo para ser fiel aos deveres de uma boa cristã, dedicada às obras de caridade, como convém a uma verdadeira serva de Jesus Cristo. Portanto, nunca cessem de promover um sólido e pleno conhecimento das verdades e uma prática constante das obras e virtudes cristãs, assim como está escrito: “o reino de Deus não consiste em palavras ou fórmulas, mas em obras de santificação”, em renegar a própria vontade, em carregar a cruz de Jesus Cristo e em professar-se cristãs sem respeito humano em todo tempo e ocasião (r.p. 51-52).

Para alcançar este objetivo será útil, além do estudo do catecismo e das piedosas leituras, pôr em relevo muitas vezes os deveres e a santidade do estudo cristão, o grande dom de estarmos incorporados em Jesus Cristo e herdeiros do reino do céu. Será útil comentar muitas vezes as máximas do santo Evangelho, bem diferentes daquelas do mundo. Será útil corrigir, avisar, para que pouco a pouco as alunas se formem dignas do nome de discípulas de Jesus Cristo (r.p. 52).

“Você tem filhos? diz o Espírito Santo. Submeta-os ao jugo desde a primeira juventude”. Acostumem, pois, as alunas, à obediência, à fadiga, ao silêncio, à paciência (r.p. 55).

Recomendo-lhes o estudo. A boa fama desta casa depende dele em grande parte. Se tiverem habilidades, se formarem boas alunas, teremos sempre um grande número de meninas. O mesmo seja dito dos trabalhos tão necessários para as mulheres (C. 10/11/1843).

Tratem de tornar-se habilidosas naquele tipo de instrução para o qual, por dom de Deus e por obrigação da obediência, são chamadas. Tornem-se, sobretudo, bem conhecedoras da Religião e dos trabalhos femininos. Guardem-se, porém, da mania de querer parecer sábias e de usar modos afetados no falar: a vaidade já é feia numa mulher, muito mais em uma religiosa (r.p.48).

Considerem inútil qualquer conhecimento e ciência, inútil qualquer fadiga, se não for dirigida ao fim reto de procurar a maior glória de Deus, o maior bem do próximo. Bem-aventuradas são vocês que possuem meio tão apto para tornar felizes tantas almas, melhorar muito a sociedade humana, conquistar tantos merecimentos para o céu. Este é o ponto que, tratado com verdadeiro espírito, tornará esta Congregação sempre cara aos olhos de Deus e ao coração dos bons (r.p. 34).

Não desejaria que sobrecarregassem demais a mente estudando e depois prejudicassem a saúde. O objetivo principal é servir Jesus Cristo e tornar-se santa. Portanto, enderecem o estudo somente ao fim único de servir melhor Jesus Cristo e de ser mais útil ao próximo. De outro modo, se servirem à vaidade, à ambição, perderão merecimento e o Senhor lhes dirá: “Recepisti mercedem tuam” “já recebeste teu prêmio”; considero nada os trabalhos que não foram feitos para mim.” Além do mais, devem deixar sempre um espaço suficiente para o cultivo de sua alma. Sejam Marta, mas, juntamente, também Maria. Ao enriquecer a inteligência de suas alunas de conhecimentos humanos, tenham como alvo formar seus corações no amor à Religião e na prática da virtude e conseguirão isto portando-se de modo que elas tenham sempre em vocês um modelo para imitar. Mantendo, pois, humor sempre igual, seja jovial, mas decorosa. Mostrem-lhes seu interesse para que alcancem êxito e o seu pesar se não corresponderem a suas fadigas. Não deixem de aproveitar as ocasiões enquanto leem ou comentam autores, para lhes fazer notar o grande dom de pertencer à Religião Católica e o dever de corresponder a esse dom, a vaidade dos prazeres e das modas deste mundo, os perigos, as máximas erradas, os desenganos que muitas vezes chegam tarde demais. Uma professora, às vezes, pode causar mais impressão do que um pregador. Nunca se esqueçam de que o objetivo principal da educação é formar alunas virtuosas e santas (r.p. 87).

Recomenda-se a visita aos doentes em companhia de algumas educandas. Se houver hospital, a visita se fará no hospital, com os devidos cuidados quanto à hora, as doenças, às prescrições disciplinares do lugar. Aos doentes digam palavras edificantes e deem-lhes algumas esmolas recordando-se de reconhecer neles a pessoa de Jesus Cristo, o qual um dia lhes dirá: “Eu era enfermo e vós me visitastes”. Será útil fazer com que as educandas gostem desse

exercício caridoso, para que se acostumem a praticá-lo mais tarde (r.p. 70-71).

Enfim, ajam de tal modo que as alunas reconheçam que querem seu verdadeiro bem e, nas futuras necessidades da vida, tenham a confiança de abrir-lhes seu coração e de acolher bom conselho de suas mães educadoras (r.p. 60-61).

Nas explicações sejam claras, usem um estilo fácil, simples. Não levantem demais a voz e suas maneiras sejam educadas e decorosas (r.p. 87).

A exemplo dos Apóstolos, dediquem-se a ensinar o catecismo, pois o catecismo salvou o mundo e somente o catecismo tem o poder de salvá-lo de novo. Na escola, entre os trabalhos, nos recreios, lembrem-se do Divino Salvador, que sentado entre as crianças, em meio aos ignorantes, os ensinava com grande paciência e simplicidade (r.p. 33-34).

Acima de tudo conquistem um perfeito conhecimento dos dogmas e da moral católica porque, iluminadas pelas verdades de nossa Religião, saberão em toda ocasião provocar uma impressão duradoura nas almas das alunas (r.p. 48).

Soube que dão catecismo. Cuidem de dá-lo com humildade, com fim reto e santo, e vigiem bem sobre a vaidade, peste de sua alma. Expliquem as coisas mais úteis e não as coisas que causam admiração. Não se cansem demais, não gritem muito (C. 22/5/1838).

Sejam inimigas de novidades em matéria de fé, nem desejem catecismos não aprovados pelo Sumo Pontífice, não considerados seguros pelos bons católicos (r.p. 48).

Os princípios certos, busquem-nos nos ensinamentos da Palavra de Deus e da santa Igreja (R.P. 51).

Não se darão ares de teólogas, mas considerar-se-ão simples discípulas na escola do grande mestre Jesus Cristo. Tenham grande cautela em ler e guardar livros. Nenhum deles seja perigoso, nem pelo conteúdo, nem pela forma. Não usarão nenhum livro novo sem o parecer de sacerdotes sábios e prudentes. E, como os estudos profanos costumam tornar árido o coração e dissipar um pouco a mente, lembrem-se de que no meio destes estudos têm maior necessidade de oração e de exercícios de piedade. Filhas! Elevem muitas vezes o coração à Sabedoria eterna, a Jesus, pedindo-lhe que, enquanto vocês aprendem ou ensinam as ciências desta terra, Ele, o Senhor, lhes ensine a ciência do céu (r.p. 49).

CARTA À POSTULANTE MARIA ANNA SALA

Caríssima Maria Anna,

resolveu deixar pai, mãe, a casa, os irmãos para seguir Jesus Cristo no caminho da perfeição? Muito bem, Maria Anna, o Senhor Jesus a abençoe. Ele que lhe inspirou tão santo pensamento e já começou em você “a boa obra”, se digne cumpri-la e levá-la à perfeição.

É uma grande graça que o Senhor lhe faz, habitar nos seus santos átrios, celebrar cada dia os louvores na companhia santa de suas servas e esposas, em sua Igreja, e viver na obediência religiosa, sem empecilho do mundo.

Todas as facilidades de salvar-se e salvar muitas almas você acaba de conquistá-las e isso é, realmente, viver para o Senhor. Seja, pois, grata por tanto bem e com grande humildade receba este favor, dizendo: “Ele, o Senhor, retirou da terra esta pobrezinha, e ergue da lama do mundo, a mim, miserável, para fazer-me sentar entre as eleitas, entre as eleitas de seu povo”.

Coragem, cara filha: sentirá a separação, sentirá a carne e o sangue revoltarem-se e, talvez, experimentará perturbação e ansiedade. Não tema: é esse o grande sacrifício que a religiosa faz; é o momento do merecimento, é o martírio. Mas, depois, quantas alegrias! Deixe tudo e encontrará tudo, diz o Senhor, encontrará a paz do coração, a luz da inteligência, as infusões suaves do Espírito Santo, a garantia do paraíso. Em verdade, em verdade vos digo, diz Jesus, quem abandonar pai, mãe, irmãos, irmãos, pátria, comodidades por meu amor receberá o cêntuplo neste mundo e a vida eterna no outro.

Quanto a mim, recebo-a desde agora como caríssima filha e, se agora ou no futuro você tiver necessidade de alguma coisa, confie, pois de nossa parte não lhe faltará nada. Já conhece a Regra: conhece também a concórdia e a caridade que reina na Congregação; conhece os deveres, os trabalhos e o bem que se faz e que, espero em Deus, há de se fazer sempre no futuro. É feliz você que se associa a uma obra que oferece tantas vantagens.

O Senhor esteja com você, e seu bom Anjo a acompanhe.

Para você e para seus pais, as mais cordiais saudações.

Do afeçoadíssimo Pe. Biraghi

(C. 12/2/1848)

INDICE

A CONGREGAÇÃO DAS MARCELINAS

* As origens	05
* Uma semente humilde	14
* A força de uma consagração	19

O ESPIRITO DO INSTITUTO

* Dimensão contemplativa	32
* Dimensão apostólica	42
* Salvadores com Jesus	46

OS TRAÇOS DE UMA AUTÊNTICA MARCELINA

* Simplicidade e humildade	56
* Bem-aventuranças evangélicas	66
* Espírito de família	74
* O segredo da alegria	79
* Ensinar Jesus	85

CARTA À POSTULANTE

MARIA ANNA SALA	93
------------------------------	-----------

LEITURA DAS SIGLAS

A1 = Autógrafo de Mons. Luis Biraghi – Arquivo Generalício

A2 = Apontamentos de Conferência de Mons. Luis Biraghi – Arquivo Generalício

C = Cartas de Mons. Luis Biraghi – Arquivo Generalício

r = Regra das Irmãs de Santa Marcelina – primeira edição 1853

Impressão terminada em Julho de 2017

Por: Effetiva Soluções Gráficas

São Paulo, SP.